

6

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, J.P. “Bonitinho é um feio arrumado”: questões discursivas para o aprendizado de português por falantes de espanhol. **Língua, Literatura e Ensino**, v.III, pp.47-55, 2008.
- ALVES, E. O diminutivo no português do Brasil: funcionalidade e tipologia. **Estudos Lingüísticos XXXV**, pp.694-701, 2006.
- BARREIRO, A.; PEREIRA, M. de J.; SANTOS, D. Tratamento de aumentativos e diminutivos. **Crítérios e opções lingüísticas no desenvolvimento do Palavroso, um sistema computacional de descrição morfológica do português**. Grupo de Linguagem Natural do INESC: INESC, 1993.
- BASILIO, M. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- CAMACHO, R.G. Funcionalismo holandês: da gramática funcional à gramática funcional do discurso. **Signótica Especial**, n.2, pp.167-180, 2006.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CUNHA, C. **Gramática da língua portuguesa**. 7ª ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1980.
- DIK, S.C. **The theory of functional grammar**. Volume 1 and 2. Ed. by Kess Hengeveld. Berlin: Mouton de Gruyter, [1989]1997
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J.L. *Funcional discourse grammar*. In BROWN, K. (ed.). **The encyclopedia of language and linguistics**. 2 ed. Oxford: Elsevier, 2008.
- _____. *The architecture of a Functional Discourse Grammar*. In MACKENZIE, J.L.; GOMÉZ-GONZÁLEZ, M.A. (ed.). **A new architecture for Functional Discourse Grammar** (Functional Grammar Series 24). Berlin: Mouton de Gruyter, 2004.
- LYONS, J. **Linguagem e lingüística – uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

- MEYER, R.M.B. *Should I call you a senhora, você or tu?* – Dificuldades interacionais de falantes de inglês aprendizes do português do Brasil. **Palavra**, n.13, pp.79-87. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Edições Galo Branco, 2004.
- MOURA NEVES, M. H. de. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NICOLA, J. de; INFANTE, U. **Gramática contemporânea da língua portuguesa**. 15ª ed. São Paulo: Scipione, 2004.
- PERINI, M. A. **Modern Portuguese: a reference grammar**. Yale: Yale University Press / New Haven and London, 2002.
- _____. **Gramática descritiva do português**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2007.
- PONCE, M. H. de.; BURIM, S. A.; FLORISSI, S. **Bem-vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação**. 7ª ed. São Paulo: SBS, 2006.
- ROCHA, L. C. de A. **Estruturas morfológicas do português**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- SANTOS, P.B. Um estudo sobre a produtividade dos sufixos aumentativos. **Cadernos do CNLF (CiFEFil)**, v.V, pp.193-200, 2002.

Fonte da coleta do corpus: <http://carosamigos.terra.com.br/>.

7

Anexo

7.1

Figura 1: Sufixos avaliativos no LD *Bem-vindo!*

UNIDADE 8

ESTUDO DE...

AUMENTATIVO
 ão ona

DIMINUTIVO
 inho inha

Muitas vezes os AUMENTATIVOS e DIMINUTIVOS dão sentido

AFETIVO  e CARINHOSO e outras PEJORATIVO  ou IRÔNICO

 Ela mora sozinha numa casona!

Eles compraram um carrão, último modelo! 

 O relatório deu um trabalhão...

Colhemos muitas florzinhas no campo. 

 Vocês aceitam um cafezinho?

Eles têm uma fazendinha no interior do Mato Grosso. 

 Ele é um amorzinho!

Ele é um velhinho simpático! 

 Que menininha chata!

Ô transitozinho! 

70

7.2

Tabela 1: Expressão representacional e expressão de ilocução (Alves, 2006, p.698)

<i>-inho₁</i>	vs.	<i>-inho₂, -inho₃</i>
propriedade inerente		propriedade atribuída
valor semântico: operador de intensificação		valor pragmático: operadores de subjetividade, afetividade, avaliação, mitigação, crítica...
operador no nível da 'palavra' (nível representacional)		operador no nível do Ato do Discurso (nível interpessoal)
categoria de base: N, Adj		sem restrição da categoria de base; enunciados
função: modificação de núcleos substantivos e adjetivais		função: estratégias comunicativas, por meio de modificação interpessoal
entonação neutra		entonação marcada

Subdivisão da expressão de ilocução (*ib.*)

<i>-inho₂</i>	vs.	<i>-inho₃</i>
avaliação / julgamento do falante frente à entidade: tamanho, valor, afetividade, desprezo		avaliação / julgamento do falante frente à situação comunicativa e ao ouvinte: ironia, polidez, mitigação e outros

7.3

Entrevista 1: Lula entrevistado por Sérgio de Souza, José Arbex Jr., Verena Glass, Carlos Azevedo, Márcio Carvalho, Wagner Nabuco, Fernando do Valle, Aziz Ab'Saber (Revista Caros Amigos – Grandes Entrevistas – 5ª edição)

Essa é uma das afirmações de Lula em meio à repercussão da significativa vitória do PT nas últimas eleições municipais. Há muitas outras, menos bombásticas, mas não menos importantes, na voz de um político que se projeta como o grande nome da oposição para 2002. A entrevista foi concedida na sede do Instituto Cidadania, do qual Lula é conselheiro.

Sérgio de Souza – **A gente gosta de mostrar a história do entrevistado desde o começo, não sei se te agrada, mas acho que a maioria dos leitores não conhece a sua história desde a infância...**

Lula – Bom, eu nasci em Garanhuns, em 1945, dia 27 de outubro. Em 1952 minha mãe veio para São Paulo, meu pai já tinha vindo em 1945, ano em que eu nasci. Minha mãe veio sete anos depois e eu tenho sete irmãos, tinha doze, cinco morreram, e quando viemos para São Paulo fomos morar em Santos. Ficamos em Santos até 1956, então viemos para São Paulo e, por coincidência, vim morar neste bairro aqui, na Vila Carioca. Comecei a minha vida de trabalhador trabalhando de tintureiro, depois ajudante de escritório, em 1959 surgiu uma vaga para estudar no Senai e fui para a fábrica de parafusos Marte, para fazer o curso do Senai. Me formei torneiro–mecânico em 1963. Em 1969 fui convidado para fazer parte da diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Na verdade, quem tinha sido convidado era o meu irmão, Frei Chico, que era militante sindical e não aceitou e pediu pro pessoal me convidar.

Sérgio de Souza – **É verdade que você veio de pau–de–arara?**

Lula – É, nós viemos de pau–de–arara. Aliás, a minha vida tem uma marca muito grande com o 13. A minha mãe vendeu as terras dela em Pernambuco por 13 contos de reis. Nós saímos de Pernambuco dia 13 de dezembro, demoramos 13 dias para chegar em São Paulo, quando fui preso a somatória do número do meu registro era 13 e criei um partido que é 13.

José Arbex Jr. – **Quando o teu irmão te indicou para o sindicato, você já tinha preocupação política? O golpe de 64 quis dizer o que para você?**

Lula – Não queria dizer nada. Na época, eu tinha dezoito anos e gostava mesmo era de jogar bola, de dançar quinta, sábado e domingo, de ir à missa das 6 no domingo pra ver se arrumava namorada e ler a Coluna do Guzman (*cronista de futebol*), porque, era corintiano fanático e lia o *Diário da Noite*. A minha iniciação política se deu em 1968, quando meu irmão me convidou para ir a uma assembléia do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Era uma discussão sem nenhuma importância, indicação de um delegado do sindicato para um congresso de previdência social e saiu um pau na assembléia! Cadeira pra tudo quanto é lado! Porque o sindicato era dividido em dezenas de tendências. Tinha AP, Polop, eu não manjava nada, e o meu irmão era do **partidão**. E por conta daquela briga passei a gostar do sindicato (*risos*), comecei a frequentar, lembro até hoje o

número da minha matrícula – 25986, de setembro de 1968. Não era um momento fácil para você ir pro sindicato. Eu estava com o casamento marcado e a minha mulher não queria que eu fosse porque ela ouvia, na fábrica em que trabalhava, que quem fosse pro sindicato podia ser preso, era mandado embora e não arrumava mais emprego.

José Arbex Jr. – **Por que você não foi pro PC onde teu irmão militava?**

Lula – Primeiro, porque não tinha nenhum interesse em política partidária. Esse interesse só veio a partir de 1978...

José Arbex Jr. – **Com as greves?**

Lula – Não tanto por causa das greves. Por conta de uma lei que o governo queria aprovar, uma lei que criava as chamadas “categorias essenciais”, e fui a Brasília conversar com os deputados. E lá descobri que não tinha ninguém dos trabalhadores. Então, voltei com um nó na cabeça: como é que a gente quer que sejam feitas leis em benefício dos trabalhadores, se lá não tem trabalhador?

Verena Glass – **Já tinha a central sindical?**

Lula – Não, A CUT (Central Única dos Trabalhadores) nós criamos só em 1983. De 1969 a 1982 aconteceu um processo de aprendizado importante. E um dado também importante é que o sindicato do ABC já nasceu muito grande, era mais avançado que a média dos sindicatos brasileiros porque tinha uma elite na categoria: os trabalhadores da indústria automobilística, que naquele tempo certamente ganhavam mais do que os jornalistas ganham hoje. (*risos*) Os trabalhadores tinham um padrão de vida muito alto e a partir de 1968 começaram a perder. Um trabalhador da Ford, da Mercedes, da Volkswagen, da Scania, na época, era o bambambã, era o que tinha o primeiro carro, a melhor casa, o que, todo dia de feira, a mulher dele voltava com o **carrinho** cheio de fruta. Na época do Natal ganhava presentes, 13º, algumas montadoras davam 14º, ou seja, éramos um grupo de privilegiados no mundo do trabalhador brasileiro. A partir de 1968 começamos a perder, foram tirando as coisas! Tirando, tirando, foi começando o acirramento e combinou com o movimento da sociedade brasileira por democracia, o MDB já tinha tido aquela votação extraordinária em 1974, que elegeu dezesseis senadores, então a sociedade já estava num processo de movimentação muito grande pra mudar o regime militar. Em 1974 fizemos o primeiro congresso dos metalúrgicos. Hoje, falar para uma pessoa que fizemos um congresso em 1974, ela fala: bela porcaria fazer um congresso! Naquela época, se você fizesse, no dia seguinte ia pro DOPS para dar esclarecimento, às vezes três, quatro horas de depoimento!

José Arbex Jr. – **Acho um pouco intrigante o fato de ter surgido no Brasil uma corrente de trabalhadores que não tenha se filiado nem ao PCB, quer dizer, havia uma certa tradição de organização operária junto às organizações mais antigas. De onde surgiu essa camada de trabalhadores que recusou se integrar às organizações tradicionais?**

Lula – Primeiro, que nesse tempo todos esses partidos eram clandestinos. Você nem sabia quem era do PC, do PC do B. Vou dar um exemplo: o meu irmão Frei Chico, quando foi preso, a mulher dele não sabia, ninguém da minha família sabia, ele nunca me disse que era do PCB.

José Arbex Jr. – **O PCB não era uma opção natural dos trabalhadores?**

Lula – Não, porque o PCB estava na clandestinidade, a gente lia declarações do Prestes em Moscou. Tem um fato engraçado: nunca gostei de coisa clandestina. Quando participava de uma comissão metalúrgica lá em São Bernardo do Campo, às vezes me convidavam para uma reunião às 9 horas da noite, então eu ia para a casa do cara, normalmente tudo escuro, parecia que compravam uma lâmpada de 5 velas e eu não via conteúdo nenhum na conversa que não pudesse ser feito em um bar tomando cachaça, (*risos*) não conseguia entender essa clandestinidade alucinante. Tinha uma companheira nossa chamada Nanci, era da Volkswagen. Um belo dia, estamos redigindo um boletim para soltar na Volkswagen e o advogado nosso, o Maurício – todo cara que, como ele, fez seminário normalmente é bom escriba –, está fazendo boletim e essa menina, que até então a gente tinha como metalúrgica, começa a corrigir o Maurício. (*risos*) Fiquei de olho. Um dia, estou no bar do sindicato, ela entra e fala para a mulher do bar: “Dá uma pinga com limão”. (*risos*) Não era normal uma operária chegar num boteco e pedir uma pinga. Daí fomos descobrir que ela era estudante de jornalismo no Paraná e tinha vindo naquela idéia de liderar os operários. Naquela época, a bronca que eu tinha do movimento estudantil era que eles partiam do pressuposto de que nós éramos um bando de babacas, eles eram um bando de inteligentes e tinham que ir para dentro da fábrica para poder nos liderar. Não aceitávamos isso.

José Arbex Jr. – **Eu queria chegar nisso: como se juntaram os intelectuais como Marilena Chauí, Francisco Weffort com vocês?**

Lula – Aí é outra história. Começamos a nos juntar na greve de 1980. A diferença básica é que, quando resolvemos criar um partido político, começamos a perceber que era uma tarefa maior do que a de dirigir um sindicato. O meu discurso era para uma categoria, e uma coisa direta contra o patrão que estava ali; num partido político, você tinha que se abrir para outros setores da sociedade. Mas eu achava que os trabalhadores não precisavam de ninguém para dizer o que eles tinham que fazer, porque eles sabiam o que fazer. Era essa a nossa briga e graças a essa briga conseguimos fazer um dos movimentos mais importantes deste país. Então, o discurso político não pode ser o mesmo, até para falar com um bancário não posso fazer o mesmo discurso que fazia para um metalúrgico na porta de fábrica. Mais grave ainda, quando eu saía da porta da Volkswagen e ia para a porta de uma fábrica no interior, o discurso não podia ser o mesmo, o nosso era muito radical, a gente já estava reivindicando mais meio frango na alimentação, o pessoal ainda estava reivindicando o primeiro restaurante para esquentar marmitta, o desnível era tão grande que você tinha que medir o discurso. Essa é a razão pela qual não fui para o PCB. Uma coisa muito forte na minha cabeça é que a diferença fundamental nossa para o PCB era a seguinte: o PCB tinha como coisa importante pegar quadros politicamente preparados na universidade e colocar dentro da fábrica. A nossa idéia era tirar o trabalhador da fábrica e fazer com que ele fosse o agente político. Essa era uma diferença crucial e foi muito difícil porque eu não sabia quem era do **partidão**, quem era do MR-8, quem era do PC do B, então íamos para uma reunião de sindicalistas – eu era a figura mais importante do movimento sindical naquela época e, quando descobri que era preciso fundar um partido, que a gente não podia continuar votando no menos ruim, nas reuniões eu dizia: “Vamos criar um partido?” Aí levantava um: “Não, não vamos criar porque isso e isso”. O outro: “Não, não...”. E eu achava que eles não queriam criar mesmo. Um ano e meio depois fui descobrir que eles não queriam criar porque

achavam que o deles já era o partido dos trabalhadores. Aí, graças ao Olívio Dutra, ao Jacó Bittar, ao Henos Amorina, ao Wagner Benevides, a uma meia dúzia de abnegados, a gente resolveu deslanchar o processo.

Verena Glass – O MST se baseia em grandes pensadores, Marx, Engels, Mao, o que seja, e depois tira o melhor e tenta adaptar ao Movimento. Vocês se baseavam em algumas teorias de grandes pensadores ou só era aquilo mesmo das necessidades básicas?

Lula – Era uma coisa mais instintiva, queríamos criar um partido político porque estávamos cansados de reivindicar. O meu grande problema com os companheiros que são hoje todos do PT, quando a gente ia convidar... Companheiros como o **Geraldinho**, o Genoíno, o Aitan, perguntavam o seguinte: “O PT é tático ou estratégico?” Eu dizia: “Pô, não quero discutir isso, só quero criar um partido, não me ponham minhoca na cabeça”. Demorou cinco anos para a gente resolver. A base nossa era juntar todos os trabalhadores, criar uma organização política e disputar o poder. Nós e meia dúzia de pessoas andamos este país inteiro, cansei de ir daqui para o Acre fazer reunião com dez pessoas, cansei de ir para o Mato Grosso fazer comício com cinco pessoas, e fazia com o maior orgulho, gritava como tivesse 1 milhão de pessoas na rua.

José Arbex Jr. – Eu estava na Vila Euclides, em 1980, 81, não me lembro, quando o 2º Exército proibiu uma marcha que haveria da Vila Euclides para a Matriz.

Lula – Primeiro de maio de 1980.

José Arbex Jr. – Lembro que na noite anterior tinha acabado o estoque de arma branca em São Bernardo, os trabalhadores compraram o estoque de armas brancas. O 2º Exército chegou a apontar os fuzis contra a manifestação, e eu vi mães espontaneamente ir conversar com os soldados e os soldados começarem a baixar os fuzis, e eu soube que a própria Polícia do Exército foi mobilizada e se recusou a cumprir a ordem de disparar contra a multidão. A impressão que eu tive é que, se houvesse um tiro ali, ia estourar uma guerra civil no país. Você compartilha dessa avaliação, chegou a acreditar que o processo que levou à formação do PT poderia desembocar em uma luta de grandes proporções desse tipo?

Lula – Eu estava preso nesse 1º de maio, fui preso dia 17 de abril, soube pelos companheiros da diretoria que estavam lá, pelos jornais e pelo rádio. O que eu sei é que durante muitos momentos, entre 78 e 80, não aconteceram coisas maiores no ABC porque a gente da diretoria não deixava acontecer, por exemplo, numa greve que a gente perdia, trabalhadores queriam pegar a linha de produção de robôs da Volkswagen e fazer alguma coisa para ela não funcionar mais. Uma vez tive que segurar um trabalhador entrando com umas bombas dentro da calça, a gente tinha que pegar o cara, convencer que aquela não era a luta correta naquele momento. Outra vez, o pessoal queria tocar fogo na Brastemp, e a gente tinha que convencer as pessoas politicamente que não era necessário fazer aquilo. Eu digo para você que, se alguém dá um tiro naquele 1º de maio, teria uma carnificina em São Bernardo, não sei se estouraria uma guerra civil, mas tinha muito trabalhador preparado, muitos trabalhadores que a gente passava semanas tentando mostrar para eles que esse caminho é o fim do que a gente está pensando em fazer, nós não temos como resistir se começar uma coisa dessas. Mas por que o Exército

desistiu de atacar? Eles chegaram primeiro, tinha um grupo de pessoas, eles cercaram aquelas pessoas, só que depois foi chegando muita gente, muita gente e, de repente, você tinha 100.000 pessoas, e em 100.000 pessoas tem gente com disposição para tudo, é só começar. Acho que mais por medo do que por prudência eles resolveram bater em retirada. Um dado importante da greve de 80 é o seguinte: foi a greve em que não ganhamos absolutamente nada, perdemos economicamente o que não tínhamos, entretanto foi a greve em que mais ganhamos politicamente.

Carlos Azevedo – **Por quê?**

Lula – Porque saímos com o bolso vazio, mas com a cabeça cheia. Ali, a gente estava convencido de que a organização política era necessária. Foi a greve mais importante da minha vida, o salto de qualidade, até porque dimensionou a força do trabalhador.

José Arbex Jr. – **Para fazer uma analogia com o MST: quando ele ocupa prédios públicos ou ameaça ocupar a fazenda do nosso amado presidente, tenho a sensação de que muitas vezes ocorrem situações potencialmente explosivas como aquelas da greve de 80 com relação ao PT. Você acha que o MST pode ser um fator de precipitação de enfrentamento com a conjuntura política?**

Lula – Não sei se a partir do MST você pode ter uma coisa maior. O enfrentamento que o MST tem hoje com o latifundiário é até mais grave do que o que a gente tinha com os empresários, porque ele é menos civilizado que o empresário da cidade, que muitas vezes o dono nem está aqui no Brasil, está no exterior. Por pior que fosse, você pegava um diretor de produção da Volkswagen, ele já tinha sido sindicalizado na Alemanha, era outro nível. O latifundiário, não! Ele contrata um capataz, um bandoleiro qualquer, e para o cara puxar um gatilho não precisa muito. Tenho a compreensão de que o Movimento Sem Terra é hoje o movimento mais sério que nós temos, acho que nem sempre acerta na política, e acho que a luta é mais do que nobre. Porque a reforma agrária é uma coisa tão antiga, que o que é descabido não é ver o sem-terra brigar por reforma agrária, é ver o governo, no final do século, agir como se estivesse no começo do século, como senhores de engenho, com a mesma postura. Os sem-terra nunca invadiram a fazenda do presidente, eles apenas acamparam na porta da fazenda como se estivessem fazendo um piquete. Quem ocupou a fazenda do presidente foi o Exército, a mando dele. O Fernando Henrique Cardoso poderia contratar um capataz, não precisava o Exército para tomar conta da fazenda dele. Os sem-terra queriam chamar a atenção para um problema sério, que era a falta de financiamento, a falta de recursos que o governo tinha prometido, e qual é o mal nisso? O Fernando Henrique Cardoso agiu como se fosse o maior troglodita, sem compreensão do problema social. Porque, veja, a lei garante a reforma agrária, a terra existe, a única coisa é o poder de uma oligarquia atrasada, que não entende que é para o bem desse país, que é uma questão de justiça social, e virou uma questão de honra derrotar os sem-terra politicamente, quando o problema não são só os sem-terra! São outros milhões que não estão organizados no Movimento e que precisam da reforma agrária! Uma coisa bem organizada, com terra, com assistência técnica, financiamento, seguro agrícola, organização dos trabalhadores em cooperativas, em agroindústrias familiares, os sem-terra mesmo têm tantos exemplos extraordinários de assentamentos que estão produzindo, que deram

certo! Existem outros assentamentos, que são da Contag, que têm dado certo! É só o governo quantificar isso em nível nacional e falar: “Ó, vamos fazer reforma agrária!” Em Santa Catarina, por exemplo, você percebe que as regiões mais desenvolvidas são aquelas onde predomina a pequena propriedade. Não se justifica num país, por maior que seja, ter alguém com 30.000 alqueires de terra! Dois milhões de hectares de terra!!! Isso não tem justificativa em lugar nenhum do mundo! Só no Brasil. Porque temos um presidente covarde, que fica na dependência de contemplar uma bancada ruralista a troco de alguns votos.

Márcio Carvalho – Você acha que é só a falta de vontade política?

Lula – Eu acho! Veja, não se pode alegar que é problema de dinheiro. Porque um governo que tem a insensatez de gastar 5 bilhões e 800 milhões de reais para sanear o Banestado, no Paraná, para vendê-lo por 1 bilhão e 650 milhões, sabendo que os 300 por cento que eles pagaram de ágio vão ser descontados no imposto de renda, e que o banco tem para receber de títulos 1 bilhão e 750 milhões de crédito, então isso significa que o Itaú ganhou de graça esse banco! Um governo que libera só pra uma Volkswagen, do dinheiro do BNDES, do dinheiro do FAT, 800 milhões pra ela fazer uma reestruturação produtiva, não pode alegar que não tem dinheiro! Só pode ser duas coisas. Primeiro: o Fernando Henrique Cardoso não acredita na agricultura como um dos pilares do desenvolvimento do Brasil. A cabeça da equipe econômica não acredita numa coisa chamada pequena propriedade. A cabeça do Malan funciona assim: o Brasil tem que ter um modelo agrícola de grandes extensões de terra, produção em escala e totalmente mecanizada. Essa é a cabeça dele! Esse negócio de pequena propriedade é pra comunista! É exatamente isso que eles pensam! Essa é uma possibilidade. A outra é a falta de determinação política: “Eu vou fazer!” Eles preferem viver de mentiras. O Fernando Henrique Cardoso confunde a regularização de título de terra com assentamento. Ele pega a pessoa que está há cinquenta anos na terra, dá o título e fala: “Estou assentando”. Não está assentando, não! Está apenas reconhecendo. Assentar é pegar quem está fora e colocar dentro para trabalhar! E por uma razão simples, gente. Tenho dito isso em todos os debates: a grande coisa que o Movimento Sem Terra faz hoje, no Brasil, não é a luta pela reforma agrária, porque ela existe antes, durante e vai existir depois. O grande feito do Movimento Sem Terra é recuperar o sentido da cidadania de pessoas que estavam a 1 milímetro de virar párias da sociedade. O governo deveria falar: “Puxa vida, se eles têm capacidade de fazer isso, vou incentivar pra gente poder resolver um dos graves problemas deste país, que é nego dormindo embaixo de ponte, nego repartindo o metro quadrado com rato, nego morrendo de fome”.

José Arbex Jr. – De certa forma, o MST está conseguindo dar visibilidade e voz a um setor da sociedade que o PT nunca atingiu. O PT atingiu os trabalhadores assalariados, que têm carteira de trabalho, têm endereço, em geral almoçam e jantam todo dia etc. O MST, não. Ele está atingindo uma parcela da sociedade que muitas vezes não tem moradia, não tem nem o que comer. Você não acha que isso é que está assustando as elites, o fato de que, pela primeira vez na história do Brasil, pessoas que nunca tiveram voz nem visibilidade estão tendo agora através do MST?

Lula – Veja, eu acho que muita coisa assusta a elite brasileira. Não é só o Movimento Sem Terra, você tem o Movimento Sem Teto aqui em São Paulo...

José Arbex Jr. – **Que é inspirado no Sem Terra.**

Lula – As ocupações de casas foram muito mais fortes na década de 70. Conjuntos inteiros do BNH foram invadidos pelo país afora, e as pessoas conseguiram, com muita resistência, ter casa própria! Você vai em Santo André, São Bernardo, você vai na Bahia, vai encontrar conjuntos de milhares de casas que foram invadidas e ocupadas por trabalhadores. Já tivemos na década de 70 o movimento de saúde nas grandes cidades, era uma coisa muito séria...

Wagner Nabuco – **A luta contra a carestia...**

Lula – Também. A história do Brasil é cheia de movimentos dessa grandeza. E esse é um desafio do PT. Tenho dito nos debates do PT que a base originária do partido está diminuta, hoje. Por quê? Porque o PT nasceu da chamada sociedade organizada, das diferentes categorias de funcionalismo público, trabalhadores metalúrgicos, gráficos, químicos, dessa gente que, na medida em que tem uma crise econômica, está hoje menor – o mercado de trabalho está menor do que já foi, muita gente que era metalúrgico hoje é lúmpen, já teve carteira profissional assinada e está dormindo embaixo de ponte ou trabalhando de camelô. Isso significa que o PT tem dois desafios importantes para o próximo período: um é manter uma política de convencimento dos setores médios da sociedade de que eles têm que ser aliados dessa gente que ainda não conquistou a cidadania neste país. E o outro é tentar mostrar pra essa gente que está a 1 milímetro de cair na mendicância que nós poderemos ser um instrumento político para mudar. É importante lembrar que é essa parte da sociedade a mais vulnerável ao populismo, à política do “é dando que se recebe”, da compra de votos em época de eleição, porque muitas vezes não é só o discurso. Muitas vezes, você faz o discurso ideológico e vira as costas, o outro chega com uma cesta básica e a necessidade é de tal ordem que a pessoa, mesmo tendo orgulho, tendo consciência, sabe que precisa comer, dar comida pro filho. O nosso discurso, o discurso dos sem-terra, o discurso da CUT atingem uma parte minoritária. A grande massa de deserdados não está organizada nos sem-terra, no PT nem na CUT. Ela estava muito mais ligada com setores da Igreja quando tinha a Igreja progressista mais atuante. Na medida em que o papa tratou de fazer um trabalho de reduzir a potência da chamada Igreja progressista no Brasil, esse setor ficou mais vulnerável. Esse é o desafio, e não é de hoje a minha preocupação. Antes de Paulo Freire morrer, eu tinha feito uma reunião com ele pra gente juntar um grupo de educadores e começar a pensar uma nova metodologia de discurso, para ver se conseguíamos trazer essa gente. O Aziz, que viajou comigo nas caravanas, viu em tantos lugares deste país gente faminta com a mesma vontade de brigar que um metalúrgico com vinte greves nas costas, ou como um sem-terra na beira do acampamento. Tem uma grandeza de organização que ainda não foi juntada. Porque também não é fácil você dar o salto da luta específica para a política. Muita gente pensa que é automático, eu invado uma terra hoje, já estou politizado pra votar. Não. É um processo entre a luta específica e o passo político. A pessoa que faz uma greve ou ocupa uma terra não está necessariamente, com clareza política, às vezes vota no prefeito do PFL. E a gente não deve incriminar, deve saber que o politizou para aquela ação específica, mas não para outras coisas. Tenho uma tese comigo que, se estiver errada, alguém vai escrever que está errada. Muita gente do PT fala: precisamos ganhar setores médios. Eu acho que nos setores médios até estamos de razoáveis pra bons, porque os setores médios já estão mais ou menos definidos ideologicamente, são do nosso lado, ou do PC do B, do PSB, do PV, do PSTU, ou

do PSDB. Agora, essa outra parte não está. Por isso a direita ganha nos **grotões**, exatamente onde predomina a maioria. Tenho uma vontade maluca de um dia ir numa cidade chamada Teotônio Vilela, em Alagoas – o Collor teve 90 por cento dos votos lá! Quero saber o que justifica um povo daqueles votar no Collor! Então, o desafio nosso é esse. Daqui pra frente vamos ter que trabalhar com muito carinho, tentar fazer com que essa gente deixe de ser marionete na mão de um Maluf. Não é possível o Maluf fazer campanha dizendo que é o candidato dos pobres da Zona Leste!

Wagner Nabuco – **Em 1978, para eleição de senador, havia três candidatos: Montoro e Fernando Henrique pelo PMDB e o Lembo pela Arena. Você fez a campanha do Fernando Henrique. Eu votei nele e fiz campanha também. Ele enganava já naquele período, ou mudou, gostou do poder?**

Lula – Esse é o tipo de coisa de que não tenho arrependimento. Porque a gente tem que analisar a história política pelo momento em que a história se deu. Votar num Quércia, em 1974, era votar num cara que se opunha ao Carvalho Pinto, que era o representante do regime militar. Nestes dias fui a Belém do Pará e disse para os companheiros de Belém: “Votar no Jáder Barbalho em 1980 era a única opção que a esquerda tinha contra o Jarbas **Passarinho**”. Então, não tenho nenhum arrependimento de ter votado em Fernando Henrique Cardoso em 1978. Continuo com o mesmo pensamento, ele é que mudou. E quando é que ele mudou? Quando percebeu que era possível chegar ao Senado. Ele esteve para vir para o PT, mas depois percebeu que poderia ir para o Senado porque o Montoro ia ser eleito governador (*FHC era suplente de Montoro*) e pensou: “Bom, entre fazer essa opção e ficar, vou ficar”. Ficou do lado de lá e só vem piorando. Na minha opinião, tem o dedo do Fernando Henrique Cardoso na votação das Diretas, ele era contra aprovar as eleições diretas naquele momento porque o candidato para presidente da República era o Ulysses Guimarães e não o Tancredo Neves. Eles começaram a inventar que o Ulysses não seria digerido pelo regime militar. Que era preciso alguém que tivesse maior condescendência, que tivesse maior capacidade de articulação, de perdão! E articularam o fim das Diretas, mudaram o Diretas Já! para Mudanças Já!

Fernando do Valle – **“Eles” quem?**

Lula – Fernando Henrique Cardoso, Fernando Lyra, uma turma que mudou. Para pior, lamento profundamente. Eu achava o Montoro muito populista, e quis apostar num cara novo – Fernando Henrique Cardoso chegou com uma imagem de intelectual progressista, eu falava: “Vamos apostar em alguém novo”. E não deu certo, paciência.

Fernando do Valle – **E hoje você conversa com ele?**

Lula – Não. Não tem conversa com ele. O Fernando Henrique Cardoso, dia 6 de dezembro de 1998, telefonou cinco vezes pra minha casa, querendo conversar comigo. Depois das eleições. Eu fui falar com o Fernando Henrique Cardoso achando que ele inha alguma coisa séria pra conversar comigo, porque não é normal, em nenhum lugar do mundo, o presidente da República ligar cinco vezes querendo conversar com quem tinha acabado de sair de uma eleição disputando com ele. Fui conversar, até sem pedir licença pra direção do partido, por quê? Porque eu estava em Brasília, toca o telefone, é o Fernando Henrique Cardoso: “Preciso conversar com você hoje”. Falei: “Presidente, não posso, que estou numa

reunião da bancada”. Ele falou: “Se você não puder vir hoje, amanhã de manhã, eu mando o carro buscar, você vem tomar café comigo. Preciso conversar com você!” Pensei: alguma coisa grave está acontecendo neste país! Telefonei para o companheiro Cristóvam Buarque, ele foi junto comigo, chego lá, percebo que ele não queria conversar. A impressão foi que o Fernando Henrique Cardoso me chamou para conversar porque pensava que eu sabia mais sobre o dossiê das Ilhas Caymã do que eu sabia.

Sérgio de Souza – **Ele chegou a tocar nisso?**

Lula – Chegou. Saí com a impressão disso.

Sérgio de Souza – **Como ele perguntou?**

Lula – Primeiro, ele me agradeceu. Porque, veja, nós não podíamos ter feito aquela denúncia, já fui vítima de denúncia e nunca vou jogar fora uma coisa que trago do berço, ou seja, aquilo que não quero que façam comigo não faço com os outros. Era um dossiê que tinha me chegado primeiro, a história vocês já conhecem, a idéia chegou pelo Caio Fábio, primeiro a idéia de vender. Nós não compramos informações, não faz parte da formação do PT. Pedimos pro Brizola dar uma estudada com o Nilo Batista. Eles já tinham dado a impressão de que não era bom, aí estou fazendo um comício em Brasília e recebo um telefonema do Gushiken: “O Lafaiete **Coutinho** precisa conversar com você, a pedido do Maluf”. Faltavam três dias para as eleições! “E é muito urgente!” Eu falei: “Gushiken, você vai estar junto?” “Vou.” “Então manda me esperar no hangar da TAM.” Aí cheguei lá: “Olha, tem uma denúncia muito séria contra o Fernando Henrique Cardoso, envolve 360 milhões de dólares no exterior, numa conta do Mário Covas, do José Serra, do Fernando Henrique Cardoso e do Sérgio Mota, e é muito sério”. Falei: “E os documentos?” “Os documentos só posso dar se vocês se comprometerem a denunciar.” Falei: “Mas, escuta aqui, por que nós, do PT, e não vocês mesmos denunciarem?” E ele: “Se a denúncia for feita pelo Paulo, ninguém acredita, então tem que ser feita por alguém que tenha credibilidade”. Obviamente que, se você tem uma denúncia desse porte, eu não vacilaria em denunciar, mas também jamais denunciaria um dia antes das eleições. E espero morrer sem ter prestado um favor ao Maluf! Veja, o Mário Covas é uma pessoa com quem eu tenho uma boa relação. É um homem que aprendi a respeitar na Constituinte, e antes dela, um homem que teve uma vivência na luta democrática muito forte. E eu não ia fazer isso. De qualquer forma, eu disse: “Vamos estudar, vamos entregar isso na mão de um advogado insuspeito, vamos entregar nas mãos do Márcio Tomás Bastos”. O Márcio Tomás Bastos leu e falou: “Tem indício, mas não tem prova. Fazer uma denúncia dessas é grave se você não tem dados para provar”. Logo em seguida recebo um telefonema da Marta, – que tinha sido procurada pelas duas filhas do Maluf, – com a mesma preocupação. Aí não fizemos a denúncia, o Márcio Tomás Bastos e a Marta resolveram contar pro Serra, e aí passaram as eleições, o Fernando Henrique Cardoso me chamou, fui lá, e achei que era um pouco isso que ele estava querendo saber. Comecei a discutir com ele a questão da reforma agrária, a da Previdência Social, a do acordo com o FMI, e ele começava a dizer que eu estava enganado, que ele estava certo, e eu falei: “Fernando, então não vamos mais conversar sobre política, vamos conversar sobre futebol, que é melhor”. Aí acabou a conversa.

Aziz Ab'Saber – Lula, só para você descansar um **pouquinho**, eu queria fazer um rol de registros sobre os retrocessos que esse país tem no momento extremamente importante da história que é o fim do ano 2000 e o fim do século etc. Um retrocesso tão grande por causa da direita e por ela não poder compreender como é que o Partido dos Trabalhadores ascendeu, ela não entende, ela tem medo, então o Partido dos Trabalhadores passou a ter uma responsabilidade muito maior hoje do que em quase todos estes últimos vinte anos. O que fazer para realmente acertar, numa atmosfera de pressão da direita e da centro–direita contra o Partido dos Trabalhadores e contra um líder popular que conseguiu fazer uma coisa que os outros não fizeram – nas Caravanas da Cidadania você visitou o Brasil e ouviu as pessoas, está muito mais preparado em termos de conhecimento de Brasil do que todos eles, incluindo o Fernando Henrique Cardoso, que talvez conheça mais alguns países do exterior do que o Brasil como um todo, um país que tem subdesenvolvimentos, as pessoas perdidas na beira do igarapé, no meio dos rústicos sertões marginalizados, e gente sendo gerada à vontade, que depois que cresce quer uma solução, e a solução está escrita naqueles **lugarzinhos** que nós passávamos, na porta dos bares: “A solução é São Paulo”. Para vender passagens e mandar o pessoal para cá de qualquer jeito. Um país que pede da universidade que ela faça um esforço muito grande em recuperar o conhecimento acumulado dentro do melhor nível, que produza conhecimentos novos, que descubra as aplicabilidades desse conhecimento, e isso precisa ser dito para todas as lideranças sindicais, não adianta o conhecimento compartimentado e fechado, é preciso descobrir as aplicabilidades e, dentro delas, aquela que é a prioritária para poder fazer projetos, que interessam mais diretamente à sociedade, para a soberania do país, para evitar as pressões internacionais fantásticas que o Brasil está sofrendo. A população está em processo de desespero. Comecei uma série de atividades em umas periferias aí, tentando saber coisas do homem da periferia, excluído de tudo. O que o PT pode fazer por ele? Eu queria uma opinião sua sobre a renda mínima para aqueles que estão desesperados, que têm cultura popular, sabem discutir as suas coisas e não têm força nenhuma para encontrar um espaço. Sou um privilegiado, um trabalhador nato, porém trabalhei quarenta anos na universidade e continuo dando meu trabalho graciosamente pra universidade, mas vivo muito próximo de uma periferia carente. Pra mim, é desesperante entrar na padaria, vou comprar um certo número de **pãezinhos**, chega um **menininho** e diz: “Por favor, dois **pãezinhos!**” Não preciso dar outro exemplo, dois **pãezinhos** são 20 centavos. Em um momento em que o dólar custa 2 reais, então fico pensando assim: “Temos que dar uma volta por cima na maneira de interpretar essas desigualdades que não são quaisquer, não, são imensas, são fantásticas. Então, a minha preocupação é, em primeiro lugar, reconhecer o retrocesso. Lula – O retrocesso é visível em todas as áreas. A universidade brasileira já foi melhor do que hoje, já formamos intelectuais mais comprometidos ideologicamente, pessoas que tinham preocupação em estudar o Brasil, em estudar os problemas sociais, em dar parte de seu conhecimento para ajudar a salvar este país. Hoje, as universidades estão mais preocupadas em formar o profissional para prestar serviços para alguma empresa. Fico com pena quando vejo um jovem chegar à universidade pensando apenas em resolver o problema dele. Isso tem uma razão de ser: como é que pode um país do tamanho do nosso, o mais

importante da América do Sul, ser o último a ter uma universidade? Porque temos ao longo da história uma elite perversa, eu falo sempre da revolução de 1817, a Revolução Pernambucana – Pernambuco conquistou sua independência quatro anos antes da Independência do Brasil e, nessa revolução, a preocupação da elite – os donos de engenho que lutavam contra a Coroa portuguesa – era não permitir que índios e negros participassem, porque depois iriam querer participar também do poder. Esse é o retrato da elite que ainda hoje governa o Brasil. No Nordeste, quem governa hoje descende daquela mesma gente. Mudou pouquíssima coisa. Fui a Belém fazer uma visita à favela próxima da universidade federal e o que mais me deixou horrorizado é que a universidade não tinha nada a ver com aquela favela. Era como se fosse num outro país, num outro mundo. Então, ou mudamos isso ou este país vai continuar sendo atrasado, que foi o último país a garantir o voto da mulher, o último a conquistar a independência, o último a abolir a escravidão, ou seja, estamos sempre atrás. Quando lembro que a Venezuela proclamou a independência quase oitenta anos antes do Brasil, dá pra imaginar o tipo de gente que mandava neste país. Então, a começar pela universidade, a regressão a gente vê pela escola pública.

Aziz Ab’Saber – O que eu sinto na mocidade universitária, independentemente se ela tenha origem A, B, C, classe média ou não, é exatamente o oposto daquilo que estamos criticando, porque a mocidade reage extraordinariamente a favor do social. Sou obrigado a dizer isso porque senão estou criticando minha universidade sem falar do lado extremamente bom que eu sinto nos moços, e isso é uma grande condição de melhoria da situação. Critico a universidade por causa do especialista, por causa do...

Lula – Mas eu critico a universidade.

Aziz Ab’Saber – Pode criticar, mas tem que reconhecer esse dado.

Lula – A minha primeira briga com a universidade foi na greve da Scania. Descobri que tinha um monte de engenheiros fazendo estágio que se colocavam contra a greve. Fui lá fazer um discurso, dizendo que não era possível o Estado financiar as pessoas para estudar e depois elas se colocarem contra os trabalhadores, que em última instância era quem financiava os estudos deles. Obviamente que você não pode generalizar, porque tem gente boa. Mas as escolas públicas, quarenta anos atrás, eram motivo de briga para as pessoas frequentarem. Hoje, se as pessoas quiserem estudar mais ou menos, vão ter que ir para uma particular, pagar 700, 800 reais por mês. Houve uma regressão ética no país. Essa coisa está degenerada, a juventude não tem muito no que se espelhar, quando vê a sua classe política na televisão, quando vê o presidente comprando voto, quando vê um Hildebrando, um Luiz Estêvão, um Maluf, um Pitta. E aí a imprensa joga um papel equivocado quando fala mal do Congresso como um todo. Me lembro que ficava muito zangado quando era constituinte e ia de segunda a domingo trabalhar e a imprensa falava dos faltosos, dizia: “O Congresso está vazio”. Mas não dizia que a gente estava lá, então isso vai criando uma animosidade generalizada, o que é ruim, inclusive, para politizar a sociedade. Eu sobrevoei São Paulo duas horas de helicóptero. Confesso a vocês o seguinte...

Carlos Azevedo – Quando foi isso?

Lula – No começo do ano, logo quando o PT escolheu a Marta para ser candidata. Confesso que, quando vejo essa gente com essa incompetência para governar, por Deus do céu que não troco meu conhecimento pelo deles. Obviamente que levo a desvantagem de não ter um diploma universitário e isso em um país colonizado como o nosso pesa. Mas as pessoas que governaram São Paulo e permitiram a ocupação desordenada da cidade, quando vejo a Marginal Pinheiros e a Marginal Tietê, penso: “Como é que essas pessoas foram construir as marginais dentro dos rios?” Já se sabia que ali dava enchentes, pega área de manancial, então... Sobrevoamos a área de manancial ali na represa e está toda ocupada. E a culpa não é daquele pobre que ocupou. Porque não tem espaço pra ele, e ele vai sendo empurrado ou para a beira da represa ou para a beira dos rios ou dos córregos ou para as encostas dos morros. Vai sendo jogado e o poder público, que deveria se antecipar e tomar providências, não toma. Até nesse aspecto acho que tivemos uma regressão de cabeça de gente pública, que pensasse um Brasil para vinte, trinta, quarenta anos. Nós, do PT, temos um desafio, não podemos daqui pra frente nos contentar com orçamento participativo, com médico de família. Estamos desafiados a fazer mais e, se a gente não começar a discutir quais as novas coisas que temos que fazer, podemos ficar superados.

Sérgio de Souza – **Mas você acha possível fazer sem os meios de comunicação?**

Lula – Acho que os meios de comunicação jogam um papel importante, mas confesso que, na minha vida, prefiro fazer mesmo sem eles do que ficar chorando a ausência deles. Nunca tive o apoio deles pra nada. Se você fizer uma análise destes últimos vinte anos, acho que não tem gente mais massacrada na imprensa do que eu. Entretanto, continuo vivo e com a mesma vontade que tinha antes. Às vezes fico vendo o jornal *Estado de S. Paulo*, o jornal *Folha de S. Paulo*, jornal *O Globo*, eles pensam que são jornais nacionais, aí você anda 200 quilômetros e ninguém nunca ouviu falar. As pessoas vivem outra realidade. Temos que acreditar cegamente que a participação da sociedade é a única possibilidade de mudar as coisas. As caravanas, para mim, foram a universidade que não tive. Não acredito que alguém governe um país deste tamanho sem conhecer esse país. Tem lugares em que se está vivendo a terceira revolução industrial e tem lugares em que não chegou a primeira ainda. Em São Paulo tem o cara que vai no Banespa, pega 50 milhões de reais e não paga. Fui no Acre agora entregar cheque de Banco do Povo, o homem pegou 1.200 reais. Eu perguntei: “Mas, companheiro, o que você vai fazer com 1.200 reais pra ficar quatro meses no meio do mato?” Ele falou: “Vou comprar um burrico para não carregar mais as cargas nas costas, vou comprar charque, farinha, querosene, semente de arroz, feijão e muda de mandioca pra plantar e, com isso, tiro por durante quatro ou cinco meses pra trabalhar!” Quer dizer, se você chegar na avenida Paulista e falar que alguém pegou 1.200 reais emprestados e estava satisfeito, ninguém acredita. Fui no Ceará agora, lá tem um **cartão** de crédito de 20 reais. Vai na Paulista dizer que alguém tem um **cartão** de crédito de 20 reais. Vão falar: “Isso é piada”. É piada pra nós. Agora, para um cara que chega na segunda-feira e não tem o que dar de comer para os filhos e pega um **cartãozinho** com que ele pode comprar 5 quilos de farinha, 2 quilos de feijão... Pô, aquilo é um manjar dos deuses durante quatro ou cinco dias. É essa heterogeneidade que precisa ser compreendida pelos governantes. Se o Fernando Henrique Cardoso – não sou contra o presidente viajar, ele pode ir para a China, para a Líbia, para onde quiser – pegasse um barco e fizesse uma viagem como aquela que fizemos para a Amazônia, descesse em

cada lugarejo e visse como vive aquele povo, ele iria perceber que com pouco dinheiro a gente geraria muito mais emprego, mais desenvolvimento para a realidade das pessoas ali. Você não pode governar o Brasil imaginando que todo mundo está vivendo na avenida Paulista.

Sérgio de Souza – Você acha que o PSDB vai conseguir um dia ter cheiro de povo?

Lula – Não acredito. Uma das vontades que eu tinha de ganhar as eleições neste país era para colocar em um ônibus-leito todo o ministério e falar: “Vão andar quinze dias por este país! Vamos botar o pé na estrada e ver como vive essa gente, quais as necessidades dessa gente”. Não adianta falar que tem computador na escola, tem criança que vai na escola e não consegue aprender porque não comeu o suficiente naquele dia. Acho que Deus me deu uma virtude, não é virtude ser pobre, não, mas eu digo: trabalhava sábado o dia inteiro engraxando sapato porque o meu desejo era comer um pão com mortadela no final da tarde; então, quando comprava meia bengala com mortadela e uma tubaína, naquilo estava realizando meu sonho. Falo para as pessoas que levantava de manhã em Pernambuco, e ficava acororado perto do fogão de lenha, e a minha mãe pegava uma cuia, colocava farinha de mandioca pura e café preto, fazia um mingau e era aquilo que a gente comia. E saber que ainda hoje tem milhões de brasileiros que vivem nessa situação. Então, a regressão neste país é total e não terá solução enquanto for governado por gente que conhece o Brasil de cima, que conhece o Brasil teórico e não tem nenhuma vivência.

Wagner Nabuco – O Brasil nunca foi uma república realmente federativa. As questões centrais sempre foram decididas no poder central. Então, por exemplo, você presidente da República tem que definir se os juros vão ser de 16,5 por cento ao ano ou se baixa para 14 por cento. Essa decisão é fundamental para o crédito, para as pessoas comprarem mais, para se desenvolverem, mas não interessa àqueles que compram títulos do governo e que são os grandes aplicadores e especuladores do Brasil, que compram os CDBs do governo e ganham os 18 por cento, a taxa básica. Esta não é uma questão dura?

Lula – Não acho que é duro resolver, porque o mesmo governo que tem o poder de elevar os juros de 19 para 49 e meio por cento tem o poder de baixar. O Fernando Henrique aumenta os juros, mas, na hora em que é para baixar, ele diz: “O mercado é que vai decidir”. Eu acho que é uma decisão política. Obviamente, não é uma decisão política fácil, porque, se você toma posse hoje na presidência da República e está com os juros a 29, está com a economia comprometida com a política de juros, está com a dependência do capital externo, você precisa saber quais as medidas que vai tomar e em que espaço de tempo, para fazer as coisas sem ir à bancarrota. Por isso é que em 1998, um ano antes, a gente avisava que era preciso desvalorizar o real, que era preciso ir mudando a política cambial, para que o Brasil pudesse ter a sua moeda no valor correto, e não ficar naquela mentira de pagar juros exorbitantes para o capital externo vir para cá e, com isso, sustentar a estabilidade monetária que o governo criou. Acho que temos que ter uma meta e a meta de um país como o Brasil é acreditar que o que vai tornar este país grande é a sua capacidade de investimento no setor produtivo, o que vale para a agricultura e vale para a cidade. É por isso que na Constituinte aprovamos o juro de 12 por cento, o que já é um absurdo, porque na Europa a

maioria dos países tem juro de 6 por cento, 3 por cento. Você pode ir reduzindo juros, as pessoas têm que aprender que dinheiro se ganha investindo na produção e não na especulação. Ninguém vai fazer bravata aqui, dizendo que vai encontrar os juros a 20 e vai reduzir para 5 no dia seguinte, porque pode contribuir para uma fuga de capitais sem precedentes na história. Mas você tem mecanismos e o governo tem obrigação de fazer com que os juros sejam compatíveis com os juros internacionais.

José Arbex Jr. – **Mas a questão dele é outra: você pega, por exemplo, o Raúl Alfonsín, que é ex-presidente mas deu uma declaração de moratória, e já vimos bolsas despencando, panes. Você acha que o Lula consegue governar com...**

Lula – Tem determinadas coisas que você faz sem falar, porque, se falar, não faz. Só no Brasil é que o político tem o hábito de querer dar respostas para tudo antes de ganhar. Acho que devemos ter alguns cuidados...

José Arbex Jr. – **Mas você não acha que o nome Lula já fala, mesmo você ficando quieto?**

Lula – Não sei. Deixa contar uma coisa: acho que tem muita gente que tem que ter medo do PT. Acho que empresário corrupto tem que ter medo do PT, pessoas que degradam o meio ambiente têm que ter medo do PT, pessoas que praticam corrupção têm que ter medo do PT, aqueles que querem manter relações com o Estado entrando pela porta dos fundos têm que ter medo do PT...

Márcio Carvalho – **Banqueiro?**

Lula – Tem que ter medo do PT. Não é normal num país os bancos ganharem o que estão ganhando aqui. Vou contar uma história para você ver que não é normal. Estes dias, eu estava fazendo um cálculo aqui com um especialista em briga com banco...

Wagner Nabuco – **Como é um especialista de briga com banco?**

Lula – Um advogado que briga com banco. (*risos*) Eu estava fazendo um cálculo que não sei se está correto porque tenho dois cálculos – um de um professor da USP e outro desse advogado. O professor da USP me mandou uma carta dizendo o seguinte: “Companheiro Lula, veja a situação do país: uma pessoa que depositou 100 reais na poupança no dia da implantação do real, 76 meses depois, ganhou 203 reais de juros. Essa mesma pessoa que fez uma compra de 100 reais no cartão de crédito e não pagou, 76 meses depois, está com uma dívida de 509.000 reais”. Eu achei que era muito, de 203 para 509.000, chamei o advogado. O advogado fez a conta: os juros da poupança vão para 203 reais e o do cartão vai pra 127.000 reais. Não importa a diferença dos dois cálculos, é uma alucinação. Este país não pode ir pra frente assim.

Wagner Nabuco – **Você tem consciência do que significa o poder central. É muito diferente de uma prefeitura ou de um governo de Estado. Significa o Exército, banqueiros...**

Lula – Tenho mais consciência do papel do presidente da República, do papel do Banco Central, do papel do BNDES, que são todos instrumentos de governo e que, portanto, é poder contra poder. E aí você, investido do cargo, tem que fazer valer o teu poder soberano. É por isso que acredito em muitas coisas. Pega o Rio

Grande do Sul como exemplo, o Olívio Dutra teve a coragem de dizer: “Não vai dar pra Ford o que o Brito comprometeu”. Ganhou as eleições com esse discurso, a Ford foi embora, paciência. Sofremos? Sofremos, mas vamos dar a volta por cima. Se a gente não corre esses riscos, não faz nada. Estou convencido do seguinte: a possibilidade de fazer transformações no Brasil é muito grande. Quando a pessoa está no governo, o poder que ela tem! Imaginem uma coisa: um presidente de um banco central, que é um burocrata, tem o poder de liberar 20 bilhões para três bancos quebrados!

Wagner Nabuco – **Mas não libera os 2.000 de crédito para os sem-terra.**

Lula – Não libera porque não tem como definição prioritária isso. Não é porque tem dificuldade, é porque a cabeça dele não quer liberar. É isso, pode ter certeza. Eu, um dia, sonhava assim: quando o PT chegar ao governo, vamos começar a fazer o orçamento pelo contrário. No Brasil se discute sempre o custo de fazer as coisas. Um dia vamos ter que discutir o custo de não termos feito essas coisas no tempo certo. Quanto custou para este país não ter feito reforma agrária cinquenta anos atrás? Quanto custou não alfabetizar o seu povo cinquenta anos atrás? Quanto custou não eletrificar o campo? É isso que tem de estar na mesa, o atraso a que este país se submeteu ao longo destes anos. E às vezes investe em empresas multinacionais que pegam o dinheiro, nem pagam, e com dez anos vão embora. O Aziz viajou comigo na Caravana e viu a quantidade de cidades com parques industriais falidos. Tudo dinheiro do BNDES: fábricas que nunca produziram nada, não deu certo o projeto. Dinheiro público e ninguém paga! Este país não suporta ficar mais dez, quinze anos nessa situação. Alguma coisa vai ter de acontecer.

Sérgio de Souza – **E você acha que em 2002 isso pode acontecer, essa virada?**

Lula – Acho que pode. Tenho na cabeça que é muito difícil um partido chegar sozinho ao poder em um país heterogêneo seja do ponto de vista cultural, seja do econômico. O PT vai ter que pensar esses próximos doze meses com quem é possível construir uma aliança política. O lado de lá já sabe que, se vier dividido, vai tomar uma trolha, vão perder as eleições e correm o risco de não ir para o segundo turno. E que, como têm muito a perder, vai tapar o nariz e procurar encontrar alguém entre eles e tentar fazer uma frente única para nos enfrentar. Depende de construirmos de nosso lado uma frente. E, na minha cabeça, essa frente pode envolver o PPS, pode envolver setores do PMDB, essa frente envolve todos os partidos de esquerda...

Márcio Carvalho – **Até o PSDB?**

Lula – Não, porque o PSDB hoje é o coração do lado de lá. Eu lamento, eu não acredito que o PSDB venha. Alimentei ilusão com o PSDB em 1994, chegamos a discutir profundamente e, na hora em que a direita deu cama para eles, foram deitar na cama e me largaram no beliche. Então, não tenho mais razão para acreditar. De qualquer forma, acho que tem um jogo a ser feito com pequenos e médios empresários brasileiros, com pequenos e médios produtores rurais, com intelectuais, com setores médios, com o povo, fazer um pacto capaz de ter alguns compromissos básicos que vão ser cumpridos. E temos muitos adversários nessa história.

“Eu estava em Brasília, toca o telefone, é o Fernando Henrique Cardoso: ‘Preciso conversar com você hoje’. Chego lá, percebo que ele não queria conversar. A impressão foi que o Fernando Henrique Cardoso me chamou para conversar porque pensava que eu sabia mais sobre o dossiê das Ilhas Caymã do que eu sabia.”

Márcio Carvalho – Você não acha que podem mudar o jogo no meio, por exemplo, agora estão falando em parlamentarismo.

Lula – Acho. Eles vão tentar tudo para evitar que o PT chegue ao poder, porque eles sabem que a chegada do PT ao poder é o começo da execução de um projeto que pode mostrar que somos capazes de fazer coisas que eles não fizeram. Por exemplo, a questão da reforma agrária é condição de honra pra nós. Porque está na base da criação do PT. A prioridade dos investimentos para pequenos e médios empresários, experiências como a do Banco do Povo vão ter que ser espalhadas aos milhares por este país. Eu não sei quem vai ser o candidato da esquerda, estou deixando meu partido totalmente à vontade para um processo de debate e escolha de quem vai ser o candidato, dentro e fora do partido. Mas ninguém que for eleito em uma aliança conosco ou um candidato próprio do PT pode ter um discurso como o do De la Rúa. Ou seja, você ganha fazendo críticas ao Menem e depois continua fazendo a mesma política do Menem. Se eu ganhasse a presidência para fazer o mesmo que o Fernando Henrique Cardoso está fazendo, preferiria que Deus me tirasse a vida antes. Para não passar vergonha. Porque sabe o que acontece? Tem muita gente que tem o direito de mentir, o direito de enganar, eu não tenho. Há uma coisa que tenho como sagrada na minha vida: é não perder o direito de olhar nos olhos de meus companheiros e de dormir com a consciência tranquila de que a gente é capaz de cumprir cada palavra que a gente assume. E, quando não as cumprir, ter coragem de discutir por que não cumpriu. Esse jogo tem que ser feito no Brasil, este país é muito grande, tem muitas condições. Nós agora vamos começar a fazer aqui no Instituto um projeto de combate à fome e vamos provar que é possível garantir que cada brasileiro, por mais miserável que seja, tem direito a tomar café da manhã, a almoçar e a jantar. Este país tem condições de produzir alimentos, tem condições de distribuir renda, tem um monte de condições.

José Arbex Jr. – Deixe eu fazer uma pergunta pessoal: acabou de fechar a última urna, o PT ganhou a presidência, você viu o resultado, lembrou de 1979, a criação do PT. Hoje, o PT aparece como uma coisa que pode mudar o rumo da história na América Latina. Na tua cabeça, um sujeito egresso de Garanhuns, o que que significa isso, emocionalmente?

Lula – É como a alegria de um pai quando o filho vira adolescente. Porque foi muito difícil criar o PT. Primeiro, eu era chamado pelos ditos comunistas como agente da CIA. Era chamado pelos trotskistas como a muleta da ditadura. Era chamado pela direita como comunista. Essas várias visões que tinham de mim me permitiam ter uma independência de agir sem precisar depender de ninguém. Lembro o que os intelectuais falavam do PT, o que escreviam, que o PT não era oportuno, não tinha espaço no Brasil, que a classe operária não estava preparada. E esse partido veio crescendo em 82, 86, 88, 89. Toda eleição nós crescemos um **pouquinho**. É degrau por degrau, não tem nada de pular dezesseis degraus de uma vez, é um a um. E hoje falo sem medo de errar: o PT é o mais importante partido de esquerda no mundo. Temos o que existe de mais importante no movimento

camponês ligado ao PT, o mais importante do movimento sindical, temos grande base intelectual. Eu diria que temos grande parte das pessoas de bem deste país no PT. E olha que não precisava escrever bem do PT, mas, se as pessoas não contassem tanta mentira do PT na imprensa, a gente cresceria ainda mais.

Márcio Carvalho – Mas existe mesmo a possibilidade de a estrela do PT não sair candidato em 2002?

Lula – Por que não outro companheiro? Por que eu, pela quarta vez? O que tenho dito é que a direção do partido fique totalmente à vontade e que não serei obstáculo para uma outra candidatura. Pelo contrário, minha disposição é ser cabo eleitoral. Agora, tenho consciência também de que tenho um patrimônio construído com meu partido e que tem um peso. E, obviamente, isso tudo a gente vai ter que discutir em uma mesa. Vamos ter que discutir quem é que facilita a unidade, quem pode galvanizar todas essas forças. E, se chegarmos à conclusão de que não sou eu, não sou eu. Paciência, vai ser outro companheiro e eu quero estar lá, fazendo campanha do mesmo jeito.

Sérgio de Souza – Mas você é o favorito naturalmente.

Lula – Não quero ficar trabalhando com pesquisa com dois anos de antecedência. Naturalmente quero acabar com essa história do candidato natural do PT. *(risos)* Porque, se eu deixar prevalecer, vou ser candidato toda vez. Então, prefiro discutir o seguinte: não preciso ser candidato para ter 30 por cento dos votos, é um patrimônio que já tenho. O que precisamos é pensar uma campanha para ganhar os 20 por cento que faltam. Qual é a estratégia, qual é a tática, qual é o candidato, qual é a aliança política. Uma coisa interessante: diziam muito que o PT era menor do que o Lula. Pela primeira vez, as pesquisas começam a dar o quê? Quando se pergunta qual é o partido com maior aceitação na opinião pública, há uma combinação do PT, uma média de 28 a 30 por cento. E também nós temos que apostar no crescimento da sociedade. Ela também evolui. Quinze anos atrás, uma parte da sociedade não votou no Fernando Henrique Cardoso porque ele era comunista e ateu. E, nove anos depois, o elegeu presidente da República. Na medida em que a elite o adotou, acabou o preconceito.

Carlos Azevedo – Mas como a elite não vai te adotar... (risos)

Lula – E nem quero. Se quisesse chegar ao poder pelos braços dela, já poderia ter chegado. Para mim, só tem sentido chegar ao poder se eu puder chegar acreditando no que acredito e fazer o que posso fazer. Se eu tiver que começar a utilizar as palavras “entretanto” e “porém”, é melhor que seja outro.

Carlos Azevedo – E essa famosa rejeição a você, que no segundo turno você não consegue...

Lula – Não tem nenhum problema, rejeição é uma coisa que pode cair de um dia pro outro. Hoje tem um artigo: “Lula tem 35 por cento de rejeição”. Eu queria ter 49,99 e ter 51,01 de aceitação, é isso que me interessa. *(risos)*

José Arbex Jr. – Não existe uma evolução linear para sempre. Nós estamos falando aqui que o Brasil vem enfrentando uma regressão extremamente grave – se o povo sentir que a confiança que depositou no PT agora não correspondeu, acho que a evolução não vai continuar para a frente. Porque estamos num momento decisivo para a história do Brasil. Duas perguntas:

você acha que o PT está preparado para corresponder às expectativas que o povo depositou nele? E de que forma a gestão do PT nos governos municipais vai se articular com a campanha presidencial?

Lula – Primeiro, acho que o PT já tem um acúmulo de experiência administrativa para provar que qualquer cidade pode ser governada por ele e obter sucesso. Todos os prefeitos vão pegar prefeituras em situação financeira difícil. O que eu tenho dito a meus companheiros é que a gente tem que superar as dificuldades administrativas do primeiro ano com a nossa capacidade de fazer política. Então, nesse primeiro ano, possivelmente a gente tenha que fazer muita política, muita, e o partido não pode deixar na mão da prefeita ou do prefeito, o partido tem que ir para a rua e fazer política.

Carlos Azevedo – O que significa fazer política?

Lula – Fazer política significa ir para a rua e trabalhar, ir para os bairros organizar o povo, cada coisa que você não puder fazer, ir conversar com o povo. Você não pode deixar que venha a crescer o antipetismo, como foi em 1992, com a Luíza Erundina.

Sérgio de Souza – Como você analisa essa vitória do PT nas eleições, já que estamos falando até em retrocesso?

Lula – Acho que três coisas garantiram ao PT essa *performance*. Em primeiro lugar coloco as experiências administrativas bem-sucedidas. O PT foi para a televisão dizendo o que estava fazendo. Saímos da fase do “eu acho” e entramos na fase do “eu faço”. A segunda coisa importante foi a questão ética, o PT está incólume nessa questão de envolvimento com corrupção e foi o partido que cassou corruptos nestes últimos anos. Embu, Guarulhos, São Paulo são apenas alguns exemplos. E em terceiro lugar acho que está a coerência do PT na oposição à política do governo federal. O crescimento do PT não se dá apenas pelas cidades que nós ganhamos, é um erro e é diminuir nosso crescimento. Se dá porque em muitas cidades brasileiras saímos de um patamar de 8, 10 por cento para 25, 30, 35 por cento dos votos.

Fernando do Valle – Como você vê essas pessoas que falam que o PT abrandou o discurso?

Lula – O que eu acho é que ninguém pode querer que a Marta Suplicy faça um discurso como o meu. Não fica bem pra ela e não faz parte do estilo dela, ela vai fazer o discurso dela. E também eu não poderia ser candidato fazendo um discurso *light*. Como um outro companheiro, por exemplo, o Vanhoni, de Curitiba, faz o discurso no estilo dele. Eu não posso hoje fazer um discurso como eu fazia em 80 na porta da Volkswagen, iam me chamar no mínimo de louco. O PT fez o discurso adequado em função da conjuntura adequada. Não fez nem mais nem menos. De vez em quando, você pode falar coisas duras de forma delicada e ser mais convincente do que falar as mesmas coisas gritando ou berrando. O PT evoluiu para isso. E por quê? Porque tem a proposta. Quando a gente falava na campanha do orçamento participativo, do Banco do Povo, da Bolsa-Escola e da Renda Mínima, eram coisas que as pessoas já tinham visto em algum lugar. E isso garantiu uma base de credibilidade. Eu digo sempre o seguinte: o PT está numa fase da vida, consolidada nessa eleição, que é como a do adolescente. A gente, que é pai, está sempre vendo o filho como criança e muitas vezes a gente erra porque não dá a credibilidade que ele quer que a gente dê. Ou seja, às vezes ele

está no ponto para você empurrar e falar: “Vai!” E você fica: “Não, não vai”. (risos) Então acho que a sociedade viu um dia no PT o partido mais honesto, o partido mais comprometido com os trabalhadores, o partido mais comprometido com a reforma agrária, mas ela tinha dúvida se o PT estava preparado. E nessa campanha ela disse: “Está”. E agora entregou para nós uma parcela muito grande de poder. Vamos ver se devolvemos para a sociedade a credibilidade que depositou em *nosotros*.

Aziz Ab’Saber – Não foi um abrandamento do discurso, foi um aperfeiçoamento político e cultural do PT.

7.4

Entrevista 2: Leonardo Boff entrevistado por Frei Betto, Sérgio de Souza, Ricardo Kotscho, Leo Gilson Ribeiro, Marina Amaral, Carlos Moraes, Roberto Freire, Sérgio Pinto, Chico Vasconcellos e João Noro (Revista Caros Amigos – Setembro / 1998)

Frei Betto – **Eu queria começar com o seguinte: você tem que idade e quantos livros publicou?**

Leonardo Boff – Bom, eu tenho 58 anos e 62 livros publicados.

Frei Betto – **Teu pai era um erudito, ex-seminarista jesuíta, e a tua mãe morreu muito tempo depois dele, analfabeta...**

Sérgio de Souza – **A minha pergunta inicial era por aí mesmo: como foi a sua infância?**

Leonardo Boff – Sou filho de imigrantes italianos, de avós italianos que foram para o Rio Grande do Sul e daí para Santa Catarina, no interior, e desbravaram a região que é Concórdia hoje, que é a sede da Sadia. Meu pai tinha sido quase jesuíta e fez uma opção curiosa, que foi a de acompanhar a colonização da região para ser professor, o farmacêutico, o juiz de paz, mestre-escola, puxador de orações, era um mestre da colonização.

Frei Betto – **Falava várias línguas...**

Leonardo Boff – É, dava aulas em italiano e alemão. Quando veio a Segunda Guerra e a imposição do governo de que todos deviam falar o português, ele então começou a ensinar em português, a escola não podia mais ensinar em italiano e alemão.

Frei Betto – **Ele sabia grego e latim...**

Leonardo Boff – Ele conhecia muito bem o latim e o grego, e durante seus trinta anos como professor ensinou rudimentos de latim e grego a todos os estudantes. Tanto que, quando cheguei ao seminário, com 12 anos, eu conhecia as palavras básicas do latim e do grego. E, como na região todos só falavam alemão e italiano, ele criou uma espécie de biblioteca popular, mais de 2.000 livros, e depois da reza da comunidade cada família buscava um livro, tinha de ler em português, e no outro domingo tinha de contar o que leu, numa roda de mais de cem pessoas. Ele se fez também representante de uma loja de rádios de Porto Alegre, e montava em cada casa da nossa região um rádio, para a família ouvir o dia inteiro e assim aprender o português. Quando não queriam, ele montava o rádio em cima de um toco, com as baterias, e ia embora. E à noite fazia alfabetização de adultos.

Frei Betto – **Menos para a tua mãe.**

Leonardo Boff – Com a minha mãe não havia maneira, inventei mil formas, numa viagem que fiz ao Vaticano consegui que o papa benzesse um caderno e uma caneta de um confrade que trabalhava na Secretaria de Estado, para a minha mãe, e disse a ela: “Isto aqui é bento pelo papa, esta caneta, este caderno, a senhora aprende...”. E ela: “O papa não vale nada, é um **bobalhão**, eu não quero saber de aprender”. É interessante lembrar que a Sadia é de parentes da minha mãe, ela é Fontana – a Sadia era um frigorífico dos frades de Concórdia, de repente cresceu e chamaram alguém mais esperto, que era o Atílio Fontana, e os

frades venderam o frigorífico a ele por um preço irrisório. Ele era tão esperto que negociava banha e metia pedra dentro para pesar mais, ou alfafa, fazia aqueles feixes de alfafa e pedras dentro para pesar mais. Quer dizer, esse era o esperto que podia levar o negócio adiante.

Sérgio de Souza – **Pai do Omar Fontana.**

Leonardo Boff – Pai do Omar. O Atílio Fontana morreu há cinco ou seis anos. E, como não havia estrada naqueles interiores, eu ia para o seminário nos aviões da Sadia, tudo cheio de lingüiça e frangos, e num **banquinho** da frente, eu e meu irmão, cheirando frango até São Paulo. O seminário era perto de Bauru, em Agudos.

Ricardo Kotscho – **E como foi essa vocação tão cedo, com 12 anos?**

Leonardo Boff – Entrei no seminário porque meu pai era muito religioso, mas de uma religiosidade muito crítica. Como tinha formação jesuíta, vivia brigando com os padres alemães, franciscanos, que eram muito duros, nazistas. Então, como ele animava a vida da comunidade, naturalmente os filhos eram ligados à Igreja etc. Com 12 anos, de fato, entrei para o seminário, depois entrou um outro irmão meu, que também é teólogo, o Clodovis.

Frei Betto – **Não houve resistência por parte da tua mãe?**

Leonardo Boff – Olha, houve por parte do meu pai, porque ele dizia: “Esses alemães são tão reacionários, tão nazistas...”. Porque meu pai atendia também a comunidade protestante, e os padres não queriam que se casassem protestantes e católicos. Então era um ponto de atrito.

Leo Gilson Ribeiro – Quer dizer que seu pai era ecumênico.

Leonardo Boff – Ecumênico, e defendia os caboclos que eram muito perseguidos. Esse é um capítulo trágico da nossa região, os colonos faziam expedições para matar índios, porque os índios vinham e roubavam roupa, roubavam coisas expostas. E me recordo de histórias dos meus avós, faziam expedições de dez, doze, com espingardas, e iam “matar os bugres”. Contavam que exterminaram todos os bugres da região. Mas meu pai tinha uma opção muito grande pelos caboclos, pelos negros, que eram extremamente discriminados pelos alemães e italianos. Ele era padrinho de todos esses discriminados e na escola nos obrigava a sentar sempre junto dos **caboclinhos**, junto a **negrinhos**, para mostrar que o filho do professor e o professor estão a favor destes. E até hoje, naquela região, se guarda a memória, muitos deles dizem: “Deus no céu e seu Mansueto na Terra”. Mansueto era o nome de meu pai.

Frei Betto – **Eu queria voltar à tua mãe. Tem duas imagens que marcam muito, que é ela ser analfabeta e um dia você ter gravado os seus livros para ela ouvir...**

Leonardo Boff – Gravei tópicos de vários livros meus para ela escutar, ela escutou e disse: “Puxa, mas que interessante, eu não te ensinei isso, como você sabe essas coisas se eu não te ensinei?” Uma vez cheguei em casa e ela me perguntou: “Você, que é padre” – ela não dizia teólogo, dizia “tiólogo” –, você já viu Deus?” Eu digo: “Mãe, a gente não vê Deus”. Ela: “Mas como, você, tantos anos padre, não viu Deus? Isso é uma vergonha para o padre!” Eu digo: “Mãe, a

senhora vê?” E ela: “Lógico que eu vejo Deus. De vez em quando tem o pôr-do-sol, aquelas nuvens, fico olhando e ele passa com aquele manto, sorrindo, e atrás vem teu pai que já morreu, sempre olhando pra mim e rindo, e eu fico uma semana inteira com alegria no coração.” E me olhava com tristeza infinita: “Como é possível que os padres não vêem Deus?” Quem é teólogo é ela! (risos)

Marina Amaral – Você teve educação religiosa formal. Como era a parte formal de ir à missa, essa relação que as crianças têm com a religião católica, essa imagem de que Deus está espiando tudo o que você está fazendo, que vai te castigar, como era isso pra você?

Leonardo Boff – Olha, primeiro que não havia missa. Havia uma missa a cada três meses mais ou menos, porque o padre circulava, vinha a cavalo, mas todo domingo tinha o rosário, com as ladainhas italianas, as orações todas em latim, e meu pai ajudava nessas coisas. Ele era extremamente libertário e gerou na família todo esse espírito. Por exemplo, ele dizia: “Deus inventou os padres, o sacerdócio. O diabo inventou o clero. O clero tem de ser enforcado com a tripa do último padre, porque a desgraça é o clero na Igreja”. (risos) Então, ele já nos ensinava essas coisas desde pequeninos. Eu fui para o seminário dizendo: “Olha, o clero tem de ser enforcado”. (risos) Quase me mandam de volta! Uma frase que sempre guardo dele é: “A Igreja Católica vive daquilo que Jesus não quis”. Isto é, poder, instituição, aparato, e dizia: “A referência nossa tem de ser a Bíblia, porque ela é a palavra de Jesus, lá você não vê poder, não vê nada disso”. E ele tinha na biblioteca dois autores proibidos: A Origem das Espécies, de Darwin, e os romances de Dumas, que eram todos proibidos, estavam no index. Uma vez fui para o seminário com aqueles livros, quase fui excomungado, porque quem lia se auto-excomungava. Então cheguei com dois livros de Alexandre Dumas, e eles: “Como? Você, com 15 anos, está excomungado”. Fizeram uma delegação de três padres pra visitar meu pai, pra ele entregar ou queimar os livros. Ele disse: “Absolutamente, eu queimo vocês, mas não os livros”. (risos)

Frei Betto – Diga do epitáfio que está no túmulo dele.

Leonardo Boff – Colocamos no epitáfio dele: “De sua boca ouvimos, de sua vida aprendemos, quem não vive para servir não serve para viver”.

Leo Gilson Ribeiro – Ele tinha algum santo de devoção, por exemplo, São Francisco de Assis?

Leonardo Boff – Não. Ele não venerava nenhum santo, porque dizia: “Quem conhece Deus não venera os santos, porque vai logo no Supremo”. Ele gostava de São Francisco, mas não como interlocução, nisso ele era bastante protestante, eu diria.

Carlos Moraes – Queria situar a sua rotina hoje. Quando deixei a Igreja, que providencia a sobrevivência, providencia tudo, e cheguei em São Paulo, era difícil comprar, por exemplo, um açucareiro, comprar isso, aquilo... Como foi com você?

Leonardo Boff – Fiz os estudos de pós-graduação em Munique, na Universidade do Estado. Então, era um frade sozinho que freqüentava a universidade, tinha de pagar os estudos, viver naquele mundo profundamente secular, e a teologia incrustada dentro da universidade do Estado, como acontece na Alemanha. Então,

nesses cinco anos em que me enfronhei no mundo, nas férias trabalhava para conseguir o meu sustento.

Leo Gilson Ribeiro – **Isso é muito comum na Alemanha. Trabalha três meses e nos outros três frequenta a universidade.**

Leonardo Boff – Quando voltei, tinha uma dupla tarefa: as aulas de teologia no seminário de Petrópolis e chefe do editorial religioso da Vozes junto com a Rose Marie Muraro, que dirigia o editorial leigo. Isso levou de 1970 até eu sair, até ser deportado pelo Vaticano, em 1985. E isso me levou a ter um contato muito grande com a intelectualidade brasileira. Inclusive coube a mim fazer a mediação da publicação da revista do Cebrap, então tive vários contatos com Fernando Henrique Cardoso, que era um dos professores lá, e nós da Vozes publicávamos seja a obra do Cebrap, seja a revista. Aí tive uma certa autonomia, uma certa inserção no mundo secular. E quando saí não senti muita diferença, porque na verdade consegui manter o nível de trabalho e produção que tinha como teólogo padre, e agora teólogo leigo, isto é, acompanhar as comunidades eclesiais de base, movimentos sociais, palestras no Brasil e fora do Brasil, cursos nas universidades, e logo em seguida a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a UERJ, me convidou como professor visitante, e em seguida abriu a possibilidade de fazer concurso pela cadeira de filosofia, ética e ecologia.

Ricardo Kotscho – **Do que você sente falta – da Igreja como instituição – agora que você está fora? Ou não sente falta de nada?**

Leonardo Boff – Vou dizer de forma bem rudimentar: Sinto falta do caráter simbólico, das celebrações, do canto gregoriano. Por exemplo, em Petrópolis, durante vinte anos, às 10 horas eu celebrava a missa dos **Canarinhos**, em latim, com aquele coro extraordinário, que é um dos melhores do país, com a melódica fantástica, as grandes peças da música sacra, e eu sempre celebrava essa missa que era irradiada. Sinto falta disso.

Roberto Freire – **Do rito, não é?**

Leonardo Boff – Do rito, desse lado mais sacramental. Se bem que deixei a igreja instituição, a paróquia, a diocese, mas não a igreja da base. E hoje o que mais faço é batizar, enterrar mortos, fazer casamentos.

Carlos Moraes – **Mas pode?**

Leonardo Boff – Na igreja da base eu faço. E até com apoio de padres e bispos, porque a igreja da base é a igreja das comunidades, e há uma carência fantástica de ministros, de padres. E, depois, há todo um grupo de cristãos, que chamo de “cristãos novos” ou “cristãos imigrados”, que são pessoas como vocês, intelectuais, jornalistas, artistas etc., que podem transfundir a doutrina cristã mas não se identificam com a ritualia oficial. E me pedem então para enterrar uma pessoa, batizar uma criança...

Frei Betto – **Conta a experiência com o Darcy.**

Leonardo Boff – O Darcy Ribeiro deixou no testamento que eu deveria fazer a encomendação do cadáver dele, e eu fiz. Também o que faço muito é atender pessoas que têm uma crise espiritual, estão em busca de alguma coisa, e pedem uma conversa. O Darcy pediu: “Eu quero a minha grande conversa com o frei Betto e o frei Boff”. O Betto estava na África, tentei chamá-lo, não encontrei, e fui

sozinho. Digamos que foi a última grande conversa entre tantas que tive com o Darcy. Ele disse: “Boff, quero ter uma conversa metafísica. Quero abordar a questão da morte, o que vem depois da morte, e não tem nenhum interlocutor, entre os meus amigos, que possa sustentar o discurso que eu quero”. Fui lá uns quinze dias antes de ele morrer, e ele se abriu: “Quero discutir com você o tema da morte, porque estou enfrentando a morte, o meu último grande desafio”. Então me fez ler o prefácio do inédito *Confissões* (livro lançado posteriormente), em que faz uma leitura de sua vida, não uma autobiografia, mas fatos relevantes, luminosos da vida dele. E terminava o prefácio dizendo: “Pena que a vida, tão carregada de lutas e fracassos, e vitórias, e vontade de trabalhar, seja marcada por uma profunda desesperança, porque nós voltamos, através da morte, ao pó cósmico, ao esquecimento, e ficamos na memória, que é curta e só de algumas pessoas, e voltamos à diluição cósmica”. Então eu disse, ao terminar a leitura: “Darcy, acho que é uma interpretação de quem vê de fora. É como você ver a borboleta, e ver o casulo. Você pode chorar pelo casulo que foi deixado para trás e ver que ele morreu. Mas você pode olhar a borboleta e dizer: “Não, ele libertou a borboleta, e ela é a esperança de vida que está dentro do casulo”.

Leo Gilson – **Embora seja muito efêmera?**

Leonardo Boff – É. Mas, de toda maneira, é vida, não é? Então eu disse: “Darcy, no pensamento mais originário, contemporâneo, da biologia molecular, no estilo Elya Prigogine, o caos é uma invenção da orbi, a morte é uma invenção da vida, pra vida ser mais complexa, mais alta, e a tendência da vida é buscar a sua perpetuação, a sua imortalidade. Darcy, deixa te dizer como imagino a tua chegada, o teu grande encontro. Não vai ser com Deus Pai, porque pra você Deus tem de ser Mãe, tem de ser mulher... (risos) Então tem de ser Deusa. Imagino assim: que Deus, quando você chega lá em cima, vai dizer com os braços abertos: ‘Darcy, como você custou pra chegar, eu estava com uma saudade louca de você, finalmente você veio, você não queria vir, você teve de vir e agora chegou’. E te abraça e te afaga em seu seio, e te leva de abraço em abraço, de festa em festa...”. E ele emendou: “De farra em farra...”. (risos) Eu digo: “Darcy, isso será pela eternidade afora”. Aí ele parou e me olhou de lado, assim como que interrogando, e disse: “Como gostaria que fosse verdade! Minha mãe morreu cheia de fé e morreu tranqüila, eu invejo você, que é um homem inteligente e de fé. Eu não tenho fé. Como gostaria que fosse verdade”. E aí lhe correu uma lágrima e ele ficou silencioso, estremeceu e teve um acesso de diabetes, uma queda muito grande de pressão e tiveram de levá-lo. E terminou assim a conversa. Eu ainda disse antes de ele sair: “Darcy, não se preocupe com a fé, porque Deus não se incomoda com a fé. Pelos critérios de Jesus, quem tem amor tem tudo. Então, quando a gente chega na tarde da vida como você, quem atendeu os famintos como você; crianças abandonadas como você; índios marginalizados como você; negros que você defendeu; as mulheres oprimidas, desde o neolítico ninguém louvou tanto a mulher quanto você – quem fez isso ganha tudo, porque optou pelos últimos, por aqueles que estavam em necessidade. Quem fez isso tem o reino, tem a eternidade, tem Deus. E você só fez isso”. Ele respirou e disse: “Puxa, mas tem de ser verdade”. Mas não conseguia dar o passo, acho que não importa dar o passo, acho que ele teve a coerência de vida, que foi carregada de um grande sentido, de uma grande luta generosa.

Sérgio Pinto – **Lendo nos arquivos um pouco da sua trajetória, salta aos olhos a pressão, as sucessivas convocações ao Vaticano, os sucessivos esclarecimentos, questionamentos etc. Como foi esse processo de inquisição do qual você é vítima?**

Leonardo Boff – É um processo que talvez o Roberto Freire tenha mais condições de descrever. Porque é um processo que atinge a tua identidade mais profunda, não é só um processo doutrinário, é um processo de desmontagem da tua figura de teólogo, o efeito é que alguém que está sob interrogatório do Vaticano não pode ser convidado pela Igreja, pelas comunidades, pelos bispos, para dar palestras no retiro espiritual. É tolerado que ele dê aula, mas com grande vigilância sobre o que ele ensina. E ele recebe uma vigilância direta sobre as homilias que profere, porque já está sob suspeita. Como padre, tem o direito de celebrar missa e fazer a homilia, mas porque está em processo de ajuizamento ele perde toda a confiabilidade.

Sérgio Pinto – **Não é uma desqualificação?**

Leonardo Boff – Desqualificação. Isso vinha desde 1972, cada livro que eu publicava era objeto de análise do Santo Ofício. E você sente a vontade deles de condenar. Eu via isso como um paralelo dos nossos organismos de segurança. Se você vai nas malhas desses organismos, está perdido, porque sistematicamente, de forma burocrática, você é acompanhado. Começou em 1972 com o livro Jesus Cristo Libertador, e culminou em 1984 com Igreja, Carisma e Poder. Há toda uma longa história com cartas, idas e vindas, um diálogo extremamente penoso com o Vaticano, com o secretário do Santo Ofício, que depois também foi o grande inquisidor do processo.

Chico Vasconcellos – **Como é o nome desse secretário?**

Leonardo Boff – Ele morreu em 1996, era o cardeal Hamer, Jerome Hamer.

Sérgio de Souza – **Você pode reproduzir esse diálogo?**

Leonardo Boff – Foi dramático, só nós dois, eu e o cardeal Hamer, é difícil reproduzir com objetividade, porque foi uma vivência da coisa. Foi no grande salão do Santo Ofício, que deve ter pelo menos 150 metros de comprimento. Imenso salão, com tapetes enormes. Lá no fundo, num canto, uma cadeirinha, uma pequena mesa e eu sentado lá, esperando quarenta minutos pelo cardeal. Toda hora me diziam: “Está chegando”. Vejo ele chegando de longe, todo paramentado de cardeal, com toda a pompa vermelha. Fiquei realmente amedrontado. Primeiro, quarenta minutos de espera, você sozinho, abandonado. Ele vem, senta e diz: “A tua igreja pediu um diálogo. Quem fala aqui é o responsável pela doutrina, não quero dialogar, só quero testar se a tua fé é verdadeira ou não. Primeiro, como referência: o que você acha do Vaticano II?” Eu disse: “O Vaticano II foi um extraordinário concílio pastoral”. E ele: “Erro, não é pastoral, é doutrinário. Esse é o teu erro, considerar que esse concílio adaptou a Igreja ao mundo moderno, não adaptou nada! Ele tem de ser lido na óptica do Vaticano I, como doutrina, e você não faz isso”. Aí puxa uma pasta com todas as minhas cartas. “Na carta tal, você diz isto, pior, você subscreve” – porque eu sempre subscrevi, com um certo humor franciscano, frater theologus minor et peccator (irmão, teólogo menor e peccador). “Você escreve isto, você é peccador mesmo?” Eu respondo: “Está escrito, admiro que o senhor não se considere um peccador”. E ele: “Eu sou autoridade, não cabe a mim apresentar-me como um

pecador”. Digo: “O senhor é um cristão”. Lembrei o famoso sonho de São Jerônimo, em que ele aparece no Céu e Deus lhe pergunta: “Quem é você?” Jerônimo diz: “Teologus sum traductor sum” – sou teólogo, sou tradutor da Bíblia. E Deus: “Não, não conheço”. Até que Jerônimo acerta: “Cristianus sum”. Então, Deus lhe diz: “Sim, cristianus sum peccator sum”. E aí Deus o acolhe. Perguntei ao cardeal: “O senhor esqueceu o sonho de São Jerônimo?” Pois ele respondeu dizendo: “Eu estive no Brasil, conheço o teu país, e vocês cometem um erro fundamental que é pensar a partir da prática. Isso não existe, isso fazem os marxistas, não os cristãos. Os cristãos pensam a partir da tradição, a partir do magistério da Igreja, a partir dos documentos oficiais. E vocês tentam dialogar com a ciência a partir da realidade. Então, vocês não fazem teologia, vocês são menores, não têm seriedade no discurso”. Eu: “Bom, se não tenho seriedade, por que o senhor me chama aqui, por que questiona os meus textos?” Até o ponto em que ele diz: “Eu conheço o Brasil, aquilo que vocês fazem nas comunidades eclesiais de base não é verdade, o Brasil não tem a pobreza que vocês imaginam, isso é a construção da leitura sociológica, ideológica, que a vertente marxista faz. Vocês estão transformando as comunidades eclesiais de base em células marxistas, que, mais do que rezar e militar a palavra de Deus, aprendem a guerrilha. Por isso, vocês, quando começam a conversar, dizem: ‘Como vai a luta?’ Está vendo? A luta. E, para nós, isso quer dizer como vai a vida, não é?”

Sérgio Pinto – **Em que ano foi isso?**

Leonardo Boff – Foi em 1989. Cheguei a um ponto que comecei a chorar de tanta raiva. E ele disse: “E mostra a tua fragilidade! Porque você chora como uma criança!” Fiquei com tanta raiva que fechei o punho: “Vou matar o cardeal”. E comecei a mirar onde ia acertar... “Vou matá-lo.” Fiquei lutando contra mim mesmo, por uns cinco minutos, fechado, pensando: “Quero matar esse homem, porque é isso que ele merece”. Então lhe disse: “Olha, padre, acho que o senhor é pior que um ateu, porque um ateu pelo menos crê no ser humano, o senhor não crê no ser humano. O senhor é cínico, o senhor ri das lágrimas de uma pessoa. Então não quero mais falar com o senhor, porque eu falo com cristãos, não com ateus”. Aí ele parou e disse: “Então vamos falar de outras coisas. Sou cardeal aqui dentro, e o cardeal mais odiado do mundo, lido com os que entram, com os que devem sair, nomeio os teólogos, todos os bispos que vêm aqui defendem os teólogos, tenho de me explicar. Aos domingos vou comer com os dominicanos” – ele era dominicano –, “ninguém conversa comigo”. Morreu de câncer. E teve uma surpresa imensa, porque ele estava morrendo, eu estava de passagem por Roma e telefonei: “Aqui é o Boff, aquele que o senhor condenou”. E ele: “Ninguém me telefona... foi preciso você me telefonar! Me sinto isolado. Queria ser um grande teólogo e não consegui. Me fizeram logo bispo, me chamaram pra cá, não tenho comunidade, celebro sozinho de manhã e me sinto desprezado pelos meus irmãos dominicanos”. Aí começou a chorar. Não perdoei: “Quem é o fraco agora? Mas não quero fazer o que fez comigo! Quero enxugar as suas lágrimas”. E ele: “Boff, vamos ficar amigos, conheço umas pizzarias aqui perto do Vaticano...”. (risos)

Chico Vasconcellos – **Lá também acaba em pizza.**

Leonardo Boff – “...Quando você vier pra cá, me telefone, vamos tirar essas roupas, vamos conversar, tomar um vinho.” Chorava como uma criança.

Ricardo Kotscho – **Qual é o papel de dom Eugênio Sales nesse processo? Porque esse Hamer não tinha tanto conhecimento do que acontecia no Brasil pra dizer se havia muito pobre ou pouco pobre. Alguém daqui informava o Vaticano...**

Leonardo Boff – Deixa eu dizer antes qual foi o efeito do Hamer em mim: nunca tinha desejado a morte a ninguém, nunca tinha imaginado matar alguém. Voltei para o Brasil totalmente desestruturado em termos psicológicos. Me senti um criminoso, “eu matei” em termos afetivos. Fui me curar passando dois meses na floresta amazônica, me enfiei no Acre, visitando comunidades, para recuperar a minha sanidade psicológica. E tal foi a densidade, que descobri a minha sombra: “Sou capaz de matar, gente!” Mas o grande capítulo foi em 1984, com o livro Igreja, Carisma e Poder. Era uma coletânea de estudos sobre a questão do poder na Igreja e o carisma, e a questão central era se a Igreja como instituição pode se converter ou não. Eu dizia que não, enquanto ela é poder não se converte. Ela é vítima do seu próprio sistema, de sua própria dogmática. Dei o livro para o meu irmão ler, o frei Clodovis, que é teólogo, e ele me disse: “Esse livro vai ser condenado. E, se o Vaticano não reagir, é sinal de que está moribundo, não vale nada. Agora, se tem um mínimo de vida, vai reagir”. E reagiu – me convocaram. E a irritação do cardeal Hamer começou porque me convocou para o dia 28 de agosto de 1984, o dia do Encontro Nacional das Prostitutas, e eu era assessor delas. Então escrevi: “Segundo o Evangelho, as prostitutas são primeiras no Reino de Deus, não vou nesse dia, prefiro ir ao encontro delas do que ao Santo Ofício. Só aceito ir se for no dia 7 de setembro, dia nacional da pátria”. Ele mandou telegrama dizendo que só poderia ser no dia 28 de agosto e respondi que iria em 7 de setembro. De fato, fui nesse dia, que foi o dia do julgamento. Agora, o que estava por trás era o sentido político da questão – fui vítima de um processo mais amplo que o Vaticano montou contra a CNBB. Eles pegaram a mim, que era assessor da CNBB, que ajudava a fazer os documentos etc., para atingir a CNBB, especialmente a Teologia da Libertação, esse diálogo da Igreja com a sociedade, com a pobreza, e atingir as comunidades eclesiais de base, que este papa não aceita, porque ele acha que é um desvio fundamental na unidade, porque não tem a eucaristia, não tem a hierarquia, que são estruturas fundamentais da Igreja institucional. Como um lobo não come outro lobo, um cardeal não ataca outro cardeal. Pega o teólogo. Quem montou o processo foi dom Eugênio Sales. Criou uma pequena “comissão de doutrina”, um pequeno “santo ofício” no Rio de Janeiro. Convocou teólogos de lá, de Porto Alegre, o bispo auxiliar dele – que é um suíço muito reacionário –, montaram o processo, aliás muito mal montado, com frases erradas, argumentos totalmente equivocados, e dom Eugênio o levou para Roma. E Roma disse: “Não fomos nós que avocamos, veio do Brasil”. O segundo ponto é que junto comigo foram dom Paulo Evaristo e dom Ivo Lorscheiter, que era presidente da CNBB. Dom Paulo havia sido meu professor e era cardeal. Chegamos os três juntos no Vaticano, o cardeal Ratzinger ficou sumamente irado e disse: “O fato de convocarmos um teólogo aqui já é uma condenação implícita. E esse teólogo, para escândalo dos cristãos, vem acompanhado de Castor e Pólux, as duas divindades pagãs, como anjos da guarda que o acompanham”. Eu disse: “Cardeal, com licença, nós somos cristãos, venho acompanhado de São Cosme e São Damião e não de Castor e Pólux” – que são os equivalentes pagãos de Cosme e Damião. (risos)

Ricardo Kotscho – **No frigr dos ovos, essa briga vocês realmente perderam. A CNBB, hoje, é muito mais dom Eugênio do que dom Ivo e dom Paulo. Uma semana antes de morrer, o Antônio Callado deu uma longa entrevista e disse que, nos últimos cinquenta anos, tinha participado de todas as lutas sociais e políticas do Brasil, sempre do lado certo. E aí, fazendo um balanço da vida: “Perdi todas”. Você não se sente um pouco assim também?**

Leonardo Boff – Acho que não. Porque mexemos com o aparelho central da Igreja... Mexemos, porque uma teologia, até chegar ao corpo central do Vaticano, demora três, quatro gerações. Nós, na metade de uma geração, já estávamos dentro do Vaticano, quer dizer, mobilizamos o papa, os altos organismos tiveram de reagir em face da Teologia da Libertação.

Sérgio de Souza – **Você poderia descrever esse tribunal, como ele funciona?**

Leonardo Boff – O tribunal é dramático. Me senti literalmente seqüestrado. O convento dos frades fica logo atrás do Vaticano. Eles vieram com um carro, eu estava me despedindo do superior, dos cardeais, dois oficiais do Santo Ofício me agarraram, me empurraram carro adentro, porque haviam dito que eu deveria chegar às 9 horas em ponto. Três para as 9 estavam ali, me agarraram e me empurraram carro adentro...

Marina Amaral – **A guarda suíça?**

Leonardo Boff – Dois guardas suíços e mais um oficial do Santo Ofício, que vinha junto pra dizer: “É aquele!” Então, o carro foi pela rua e num ponto foi pela contramão, com a sirene aberta. Peguei no chofer e disse: “Olha, posso ser herege, mas é melhor um herege vivo do que um herege morto, e eu quero viver”. (risos) O repórter Lucas Mendes, que estava cobrindo o episódio, vinha num carro logo atrás, tanto que, quando o nosso entrou no jardim do Palácio do Vaticano, ele entrou junto e foi preso. Ficou umas cinco horas lá dentro. Ele considera uma das suas glórias, ele, como jornalista, preso pelo Vaticano. Passamos por um enorme portal de ferro, com uns pregos imensos espetados para fora, o carro parou para que aquilo se abrisse e eu disse: “Aqui é que é o local da tortura?” E aquele oficial me deu uma cotovelada, com toda a violência... Aí atravessamos os jardins, chegamos até uma entrada, desci do carro e dois guardas suíços já estavam ali na porta do elevador, abriram, subi dois andares e lá estava o cardeal todo paramentado, com outros dois guardas. Assim que abriu a porta do elevador, ele me recebeu. Como é bávaro e eu aprendi bávaro porque estudei em Munique, eu disse no dialeto: “Gricia nargo per cardinala” – pra desfazer aquele ar pesado...

Frei Betto – **Em português, o que foi que você disse?**

Leonardo Boff – “Salve, senhor cardeal”, “Deus te proteja, senhor cardeal”, que é uma saudação que o povo faz na rua. Aí ele me pegou pelo braço e me levou...

Sérgio de Souza – **Aí você está sozinho?**

Leonardo Boff – Sozinho. Me levou até o fundo, onde tem uma saleta, lugar onde eram julgados todos os inquiridos. E lá está a **cadeirinha**, a mesma em que sentou Galileu Galilei, sentou Giordano Bruno... e fiz uma saudação a ela, o que irritou o cardeal. Tem uma **mesinha** no meio, a **cadeirinha** aqui, o inquisidor lá, e o notário aqui ao lado, que vai anotando tudo. E atrás tem um pequeno anfiteatro, porque antigamente eram muitos os inquisidores, e embaixo ficava a sala de torturas, que existe ainda.

Marina Amaral – **O processo de inquirição, a maneira como a Igreja se comporta ao inquirir uma pessoa ainda é a mesma, não houve uma atualização?**

Leonardo Boff – Fundamentalmente não houve atualização.

Frei Betto – **Até piorou, porque atualmente, depois do estabelecimento da infalibilidade do papa, nenhum réu pode ter direito a defesa, porque não se pode partir do princípio de que a autoridade eclesiástica esteja equivocada. Então, não existe direito à defesa, é o único tribunal do mundo onde isso acontece.**

Leonardo Boff – É onde a mesma instância acusa, a mesma instância julga, a mesma instância pune.

Marina Amaral – **Não pode pedir perdão...**

Leonardo Boff – Não, não.

Frei Betto – **Não pode se defender; não pode constituir advogado.**

Leonardo Boff – Não pode ter advogado, aliás, existe advogado, mas você não conhece. Você tem um advogado chamado advocatus proautore, que você não conhece, que junto aos cardeais faz o advogado do diabo, toma a minha defesa, mas não pode conversar comigo, nem sei quem é.

Sérgio Pinto – **Você pode falar ali?**

Leonardo Boff – **Não. Só responder. E você não tem acesso às atas, não sabe quem são os acusadores. Só conhece algumas perguntas, o cardeal é que tem todo o material, extenso, que é o documentário dele.**

Sérgio de Souza – **Continuando a história, você senta na cadeirinha...**

Leonardo Boff – Antes eu faço aquela homenagem...

João Noro – **Você respondia às perguntas em latim ou italiano?**

Leonardo Boff – O cardeal perguntou: “Você quer em alemão, espanhol ou italiano?” Respondi: “Olha, cardeal, em alemão o senhor é forte porque o senhor é alemão, então vou pedir em espanhol porque o senhor é mais fraco”. (risos) Tudo era guerra ali, tudo era jogo limpo. Então falamos em espanhol, embora ele tivesse o texto em alemão, italiano, espanhol e português. Ele disse: “Se você quiser fazer um debate livre, o notário anota tudo, para não ficarmos três dias aqui. Você pode deixar que eu pergunto, então você responde. Ou você pode pegar o teu escrito e segui-lo”. “Prefiro seguir o meu escrito.” “Não, é muito comprido.” Eram sessenta páginas. “Vamos selecionar algumas questões, o resto os cardeais vão julgar o texto como um todo.” E logo acrescentou: “A minha função aqui não é julgar você, nem interrogá-lo, é escutar o que você diz e ver se está conforme a fé cristã ou não.” “Mas na base de qual critério?” “A minha função é esta, de ter os critérios.” Ele é que decide, você está entregue ao arbítrio.

Leo Gilson – **Isso me lembra Alice no País das Maravilhas, em que a rainha diz: “Primeiro cortem-lhe a cabeça, depois vamos julgar”.**

Leonardo Boff – A verdade é que você sente que não tem nenhuma proteção, nem jurídica, nem humana, e que está entregue ao arbítrio. Que na Igreja não

funciona nem a lei divina – que eles interpretam como querem –, nem a lei humana, que eles não aceitam. É o arbítrio do príncipe, que é o papa que quer assim, do cardeal que quer assim.

Sérgio Pinto – **Quanto tempo durou a sessão?**

Leonardo Boff – Os nossos dois cardeais do Brasil quiseram participar de todo jeito, e o cardeal Ratzinger negou: “Absolutamente”. Então eles foram ao papa e o papa fez o jogo salomônico: “O tribunal terá duas partes, na primeira só o Ratzinger com o Boff e na segunda só os cardeais”. Então me submeti àquele diálogo de uma hora e meia e houve uma pausa para o café. E o curioso é que foi naquela sala enorme, o **cafezinho** lá no canto e os funcionários correndo pra me pedir autógrafo e o cardeal furioso: “Ele é condenado, ele é condenado!” (risos) Bom, depois da pausa para o café, vieram os cardeais. E aí dom Paulo foi terrível, porque quase não deixava o Ratzinger falar: descobriram que foram colegas de estudo quando eram estudantes de doutorado em Munique, trocaram idéias sobre os professores que morreram ou não. Três dias antes havia saído um documento condenando a Teologia da Libertação, então, no momento apropriado, dom Paulo disse para o cardeal: “Cardeal Ratzinger, lemos o documento e ele é muito ruim. Não o aceitamos porque não vemos os nossos teólogos dizendo e pensando o que o senhor diz da Teologia da Libertação. Inclusive, queremos sugerir que o senhor os chame para elaborar um documento e depois vocês o completam. Se quero construir uma ponte, chamo um engenheiro, e o senhor, para construir a ponte, chamou um gramático, que não entende nada de engenharia. Então, não aceitamos este, queremos um segundo documento”. E acrescentou: “Boff, você está aí com o seu irmão, o Gustavo Gutierrez, amanhã vocês já sentam juntos e fazem um esquema”. De fato, fizemos o esquema e levamos ao Santo Ofício.

Leo Gilson – **Você poderia definir claramente para o leigo o que é a Teologia da Libertação?**

Leonardo Boff – E aí então a discussão foi sobre a Teologia da Libertação, não mais sobre mim. A crítica do cardeal se baseava no seguinte: “O teu livro é protestante, quem fala assim são os protestantes, eles não são como os católicos”. Eu digo: “Absolutamente, é o lado evangélico do protestantismo, e temos muito o que aprender com Lutero. Então, não aceito que seja o lado protestante, é o lado são da teologia, que percebe o excesso, o abuso de poder da Igreja, a soberba, e pertence à teologia ter uma palavra crítica sobre isso. E há uma tradição profética. A gente, quando é batizado, é batizado para ser profeta, além de sacerdote. Ninguém lembra de ser profeta na Igreja. Os profetas se confrontam com o poder”. E se discutiu Teologia da Libertação. A insistência dos nossos dois cardeais era que se fizesse um documento nas igrejas onde se vive uma prática de Teologia da Libertação com pobres e comunidades. Dom Paulo disse ao Ratzinger: “Se o senhor quiser, preparo tudo em São Paulo, o senhor vai conhecer as periferias, vai com os agentes da pastoral e, depois de ver tudo isso, vamos sentar e falar sobre a Teologia da Libertação, porque, se o senhor não vir isso, não vai entender os teólogos”. O cardeal respondeu: “Temos obrigações com a Igreja universal, não podemos fazer partido na Igreja local. Somos responsáveis por todas as igrejas, nossa sede de pensamento é aqui”. Aí me levantei e disse: “Cardeal, por favor, olhe esta janela, toda de ferro quadriculado. Atrás dessa janela de ferro quadriculado não se faz Teologia da Libertação, porque o mundo já vem traduzido nessa quadratura. Tem de sentir na pele uma experiência de

pobreza, porque daí nasce a teologia como o grito dos pobres”. A Teologia da Libertação é um grande esforço de uma parte dos cristãos de fazer do Evangelho e da fé cristã um fator de mobilização social.

Carlos Moraes – **Começou quando?**

Leonardo Boff – Começou com o pessoal do frei Betto, nos anos 60, com a JUC, com a AP, com aqueles cristãos que militavam... Pra mim, a chave da Teologia da Libertação é o seu método, que a maioria esquece nessa discussão, que é o de arrancar, não de uma encíclica, de uma página da Bíblia, de um credo qualquer da tradição, mas partir dos desafios da realidade, quais são as questões que os pobres levantam, que o Brasil suscita hoje. As comunidades de base com seus movimentos sociais por casa, por terra, por saúde, por alfabetização, arrancar disso e, junto com a organização do povo, com a consciência que ele vai desenvolvendo, dizer como os cristãos podem dar um primeiro impulso nisso, o cristianismo como força que dá clareza, que dá motivação pra gente se empenhar pela justiça, pela transformação, porque a gente é herdeiro de alguém que foi prisioneiro político, que morreu na cruz e não velho na cama, que é Jesus. Então, é resgatar essa dimensão, essa densidade histórica, um sentido público, político. A Teologia da Libertação se articula com quem já está dando uma caminhada e tenta pensar a partir da prática. Por exemplo, o pessoal está lutando por terra, eu digo: “Vai ocupar uma terra aí”. Então, os cristãos se reúnem e começam primeiro a ler o Êxodo, o povo que está no exílio sem terra, e quer a Terra Prometida. E eles dizem: “Não está em nenhum lugar da Bíblia que Deus deu a terra e a escritura para alguém, a terra é de todos, e Deus, o Senhor disse tudo”. Então, quando vão conquistar a terra, o que significa? Que queremos trabalhar a terra para ter saúde, comida, a nossa casa. O sem-terra começa a pensar essa realidade e vê que o que temos é o contrário. A terra está na mão de alguns, impede a vida, impede a justiça, traz doença. Então temos de conquistar isso.

Sérgio Pinto – **Não existia nada semelhante no mundo?**

Leonardo Boff – Existia na Colômbia, no México, uma coisa até filosoficamente interessante, porque, de repente, em toda a América Latina emergiu esse pensamento libertário, com Paulo Freire, Fernando Henrique Cardoso, com Camilo Torres, na medicina, na pedagogia, na sociologia e na teologia.

Sérgio Pinto – **Uma coisa simultânea, vai brotando...**

Leonardo Boff – Simultânea. É aquilo que Hegel fala, do velho geist, o espírito do mundo, que de repente emerge em todas as instâncias e não há quem detenha. E a gente, que participou do nascimento disso, a gente sentia que era envolvido por uma força que nos transcendia. E percebemos que o discurso que está aí tem de mudar, tem de ser outro, porque a realidade mudou. A libertação tem de ser articulada de uma maneira mais holística, mais ampla, tem de envolver a terra, tem de envolver ecologia, todo mundo está empobrecido, somos vítimas do paradigma ocidental, que está destruindo os povos, as classes, a natureza e a qualidade de vida, e a libertação hoje tem de ter uma dimensão planetária, não só dos pobres.

Leo Gilson – **Estamos voltando a uma concepção de Hobbes, da humanidade.**

Leonardo Boff – É que descobrimos que as famosas forças produtivas são forças altamente destrutivas. É aquilo que Marx diz na quarta parte do primeiro livro O

Capital, uma coisa profética, a que estamos assistindo hoje: que a lógica do capital leva-o a destruir as duas pilastras sobre as quais ele se constrói, que é a força de trabalho, dispensando-a pela automação, e a natureza, com seus recursos se exaurindo.

Carlos Moraes – Como você vê o futuro da Igreja nessa dobrada do milênio? Comunidades de base contra Ratzinger-Santo Ofício? Pode haver uma absorção difícil ou pode haver dissidência, uma nova Igreja?

Leonardo Boff – A Igreja hoje é uma Igreja partida, dividida, e há dois modelos em conflito, que é o da Igreja-instituição, da Igreja-hierarquia, da Igreja-poder, que se estrutura em papa, cardeais, bispos, dioceses, paróquias e se reproduz com muita dificuldade, porque há cada vez menos padres para manter a reprodução dessa Igreja. Junto dela está surgindo um novo tipo de Igreja, que eu chamaria Igreja-rede-de-comunidades, que está assentada não no poder, mas na vida. Isto é, o diálogo fé/vida. Nas comunidades, nas associações de moradores, grupos que vivem a fé nos seus encontros e que têm sua força no arquétipo cristão, não na instituição, nas suas tradições, mas o cristianismo como uma instância de esperança, tendo como referência comum a Bíblia, e aberta para a sociedade. Mas não a sociedade portadora de poder de decisão, o pacto velho, quer dizer, a Igreja poder religioso se associa com o poder civil. Não, é a Igreja com as classes emergentes, com os destituídos, pobres, marginalizados, excluídos, que são a grande maioria. Então, pra mim, está se dando aí um novo pacto do cristianismo, no sentido dos primórdios, que era feito de escravos, de portuários, de destituídos, de soldados, e estamos vivendo esse tipo de cristianismo, que tem hoje uma dimensão mundial. Muito forte na África, na Ásia, muito forte no Primeiro Mundo: você vai à Alemanha, Itália, Estados Unidos, está cheio de grupos e comunidades do Terceiro Mundo que têm como referência a perspectiva libertária do cristianismo. A outra é o cristianismo da reprodução e é ocidental. É produto da cultura ocidental, de tal forma que não dá pra fazer a história do poder do Ocidente, reis e príncipes, sem fazer simultaneamente a história da Igreja.

Sérgio Pinto – Quería voltar ao julgamento do Vaticano e perguntar o seguinte: se você já sabia previamente da opressão daquela cena, já sabia que não teria advogado, direito a voz, a nada, já sabia da condenação, pra que fazer? Pra continuar dentro no sentido de registrar, marcar presença?

Leonardo Boff – Fiz um juízo político, não pessoal. Uma coisa é você defender a sua biografia, romper e seguir seu caminho. Como todo o nosso grupo, o Betto inclusive, era de intelectuais orgânicos das CEBs, e tínhamos naquela época hegemonia na Igreja – quem dava o discurso tinha grande articulação, se movimentava na sociedade, era essa Igreja da base, que era uma coligação de uma série de bispos e cardeais que apoiavam as CEBs, e as CEBs acolhiam esses tipo de Igreja. Então, a minha preocupação era: o fundamental é preservar esse ensaio da Igreja da base e não a minha biografia.

Sérgio Pinto – Quer dizer, era uma militância mesmo...

Leonardo Boff – Militância. Uma coisa bem pensada, em termos até de “até onde eu agüento sem perder a minha dignidade” e trazer um ganho pra essa Igreja da base. Então seria ruim eu romper com o Vaticano, e o Vaticano queria isso, porque seria fácil condenar e excluir, excomungar, e o povo diz: “Olha, assassino, ladrão, tudo bem, mas excomungado não. Porque a pior coisa que existe é ser

entregue a Satanás direto, sabe? Então, a excomunhão é uma sombra terrível, um estigma fantástico. E, como senti o apoio explícito da CNBB e da própria ordem franciscana, fui ao diálogo com o Ratzinger levando duas malas contendo 100.000 subscrições, do mundo inteiro, desde a Sibéria, Coréia, bispos, milhares de cristãos. E, quando comecei, disse: “Cardeal, não estou sozinho aqui, estou com estes 100.000”. “Vocês é que manipularam assinaturas!” “Como, manipularam? Um bispo que é lá da cidade de Zagorsky, na Rússia, como é que vai ter contato comigo?” Quer dizer, a Teologia da Libertação não era causa minha, é a causa de uma geração, é um movimento. E saí convencido, devido à influência dos dois cardeais que me acompanharam, que o problema terminaria ali. E qual não foi a minha surpresa quando, no dia 1¼ de maio, todo paramentado para entrar na missa dos trabalhadores em Petrópolis, toca o telefone, era do Vaticano. Atendo e dizem: “Você se considere imediatamente demitido da cátedra de teologia, deposto da Revista Eclesiástica Brasileira, da coordenação editorial da Vozes, não pode mais falar, viajar, nem dar aula. Esta é a punição”. Eu disse: “Então apelo ao direito canônico. Só entro na punição quando tiver os documentos na mão, porque oral não vale”. “Então, os documentos seguirão.” E desligaram. Aí vieram os documentos.

Chico Vasconcellos – **Nesses momentos todos, na sua cabeça não voltam as palavras do velho Mansueto, que dizia que o clero só era bom enforcado?**

Leonardo Boff – Vou dizer com muita sinceridade: minha grande decepção não foi a luta ideológica, de teologias, argumentos e contra-argumentos. A minha decepção profunda, que me amadureceu de certa maneira, foi ver que eles mentem. Por exemplo, chego em Roma, o cardeal Ratzinger dá uma entrevista e diz: “Boff não veio para cá convocado. Veio porque solicitou julgamento”. Aí telefonei pra ele: “Ou o senhor desmente isso ou pego o avião amanhã e volto para o Brasil, porque discutimos a data, a carta, o senhor mandou a passagem – que eu não viria se vocês não pagassem a passagem –, tudo isso foi feito. Agora, o senhor diz que me apresentei, solicitei um julgamento”. Então, ele escreve lá: “Pontualizacione sur por causa est”. Não diz “desmentido”, diz pontualizacione. Ele diz: “De fato, em dia tal seguiu carta, acertamos dia tal...”. E aí, antes de começar o diálogo, andando com ele, eu disse: “Cardeal, quero que o senhor diga pra mim aqui, não na imprensa, se o senhor deu aquela declaração”. “Não, a imprensa inventa.” Saiu no Osservatore Romano!

Frei Betto – **O “diário oficial”.**

Leonardo Boff – E não foi uma profunda decepção, ver que eles manipulam. Depois, um grande vaticanólogo, o Santini (na ocasião, me articulei com os jornalistas que cobrem o Vaticano e são chamados vaticanólogos e que, pelo menos, são bons teólogos, sabem tudo do Vaticano), me disse: “Olhe, nós temos...” – deu uma cifra altíssima, acho que 300 milhões de liras – “para comprar documentos do Vaticano, documentos secretos, pra gente dar o furo”. E eu, numa dessas disputas com aquele cardeal, o Jerome Hamer, tinha dito: “Vocês são corruptos, vocês vendem documentos”. “Tem de provar, isso é uma injúria, você tem de provar!” E eu: “Então chamo o Santini aqui, ele tem 300 milhões de liras...”. Ele disse: “Infelizmente temos funcionários que só fazem isso...”.

Chico Vasconcelos – **Você fala que a Igreja mente, que ela é corrupta...**

Leonardo Boff – Ela mente, é corrupta, é cruel e sem piedade. Ela pega alguém e vai até o fim. Antes de eu receber aquela condenação no 1¼ de maio, uns quinze dias antes, veio o representante do núncio a Petrópolis, junto com o bispo de Petrópolis, paramentados oficialmente, e me entregaram um livreto publicado pela Poliglota Vaticano Livrino, onde era feito o juízo do meu livro. Me entregaram oficialmente, me deram meia hora pra ler e dar a resposta e foram para a igreja ao lado, rezar. Fiquei lendo. Meia hora depois, eles vieram, eu disse: “Li, concordo porque também rejeito todas essas teorias”. “Mas são suas!” “Absolutamente, isso não é meu, eu concordo, tudo bem.” O núncio diz: “Graças a Deus, com um teólogo assim podemos trabalhar”. Eu digo: “Por quê?” “Se você tivesse feito como o Küng, dizendo não, ligaria daqui mesmo para o Vaticano e você receberia todas as punições canônicas.” Aceitei o texto, tudo bem, o texto vai ser publicado e termina ali. Daí a surpresa quando quinze dias depois vêm as punições todas. Quer dizer, não bastou eu me submeter ao processo, acolher a condenação do livro de uma forma oficial – e com a promessa de que nas próximas edições iria fazer rodapés corrigindo, moderando a linguagem –, e eles ainda vêm e aplicam outras punições, quer dizer, é abuso, é excesso de rigor. Me submeteram, ganharam e, ainda por cima, me espezinham. E aí me submeti àquele silêncio, que provocou uma grande crise em Roma porque o dom Ivo, que era presidente da CNBB, recebeu uma infinidade de telegramas do mundo inteiro, de protesto, e o argumento era: “O Vaticano fez aquilo que os militares faziam, isso é um escândalo!”

Frei Betto – **No programa Roda Viva, da TV Cultura, ouvi um jornalista dizer: “Mas porque agora você não está mais na Igreja...” Na verdade, você continua na Igreja.**

Leonardo Boff – Tem de ser mais formal aí. A Igreja fundamentalmente é essa comunidade de fiéis, comunidade organizada, portanto tem o seu governo, sua hierarquia. E eu pertencia, nessa comunidade, ao lado hierárquico, era padre. Padre e teólogo. Então renunciei a uma função hierárquica na Igreja, deixei de ser padre...

Frei Betto – **Deixou de ser franciscano, da ordem...**

Leonardo Boff – É. Deixei de ser franciscano porque está ligado aos dois, se deixei de ser padre, deixei de ser franciscano. E voltei ao mundo de Jesus Cristo, porque Jesus foi leigo, não foi padre.

Carlos Moraes – **Você formalizou esse desligamento?**

Leonardo Boff – Engraçado, encaminhei os papéis e o Vaticano até hoje não me respondeu. Então, oficialmente, posso entrar em qualquer igreja, celebrar, pregar, casar, quer dizer, foi um desligamento unilateral. Em 1992, durante a Eco, veio o geral da ordem, instruído pelo Vaticano, dizendo: “Até agora, a ordem ajudou você, agora você tem de ajudar a ordem. Então, tem de deixar de dar aula, de escrever, de viajar, de dar entrevistas, de publicar”. Eu: “Como? Já fiz isso antes, não faço mais. Antes podia ser humildade, aqui é humilhação, não aceito isso”. “Você pode escolher qualquer lugar da ordem, qualquer convento, que a ordem está no mundo inteiro...” “Isso não aceito.” Então, durante toda a tarde, elaboramos alternativas para eu poder continuar fazendo alguma coisa. Disse a ele: “Teólogo tem só a palavra como comunicação, falada e escrita. Se você tira dele a palavra, ele é uma pessoa nula. Os direitos humanos, a luta do Brasil para

conquistar uma democracia, a Igreja ajudou a resgatar essa liberdade e vocês querem impô-la, não aceito”. Então, ele se comunicou com alguém e me disse: “Não tem alternativa, você pode escolher qualquer lugar”. “Se eu for para a Coréia, para as Filipinas, naquela lonjura, outras línguas, posso ensinar, escrever?” “Não, não pode, tem de se submeter totalmente.” Então eu disse: “Eu mudo pra continuar o mesmo. Não aceito e vou sair, como protesto”. E aí discutimos “como vamos fazer”. A gente ia esperar – era julho, durante a Eco 92 – para avisar os amigos, bispos etc., e não produzir um impacto assim na Igreja. Mas, nisso, a Folha de S. Paulo descobriu, porque a gente teve essa discussão toda, bem franciscana, comendo pizza num restaurante e tinha jornalista perto. Um deles, que pegou o fio da meada, me disse depois: “Boff, sei de tudo. Você decidiu sair e vou publicar amanhã na Folha”.

Ricardo Kotscho – **Incrível, isso foi em 92 e, até agora, oficialmente você continua.**

Leonardo Boff – Continuo. Quer dizer, unilateralmente saí, mas até hoje o Vaticano não tomou uma posição, nada. No ano passado, numa palestra para umas 3.000 pessoas em Roma, dei com dureza em cima da instituição. Eles não reagiram.

Ricardo Kotscho – **Mas o papa não fica conhecendo todo o processo, todos os detalhes?**

Leonardo Boff – Ele é informado toda quinta-feira. Os cardeais se reúnem às quartas-feiras, são treze cardeais – o ministério central do Vaticano – que se reúnem e debatem as doutrinas que estão em voga, os textos, os teólogos etc. E na quinta o cardeal-chefe, que é o Ratzinger, tem uma hora com o papa para informá-lo como vai a teologia, como são as tendências, os teólogos, ele é informado passo a passo. O meu caso ele acompanhou. Na conversa que teve com dom Ivo, ele disse que sabia passo a passo, até lamentou, porque, quando fui condenado, veio apoio internacional, e ele disse: “O vilão sou eu e o Boff é o herói”. E, segundo dom Ivo, chegou a chorar.

Chico Vasconcellos – **Mas o papa é político...**

Leonardo Boff – É, porque dom Ivo disse: “Pra nós, é um escândalo, porque no Brasil a Igreja lutou sempre contra a ditadura, que cortava a língua dos jornalistas, impedia a liberdade, e o senhor fez isso”. Então, o papa: “Como, eu fiz isso?!” Aí se deu conta de que era uma medida contraditória. E queria desfazer a condenação. O cardeal Sales, eu soube depois por dom Paulo Evaristo, interveio: “Santidade, se o senhor suspender a condenação, o povo vai dizer que o papa erra, que o papa não sabe”. Então, ele sustentou. Eu sei que, na noite de Páscoa, estava entrando na missa da meia-noite, cronometrado, aí me telefonam de Roma: “O papa manda dizer que você está livre, pode falar”. Porque a proibição era pelo menos por um ano e, a partir desse tempo, eu podia ficar proibido por tempo indefinido, mas aos onze meses, na noite de Páscoa, ele pessoalmente mandou suspender. E depois, pelo cardeal Casaroli, escreveu uma carta agradecendo por eu ter acolhido o diálogo, me submetido, dizendo que “dessa forma é possível criar uma autêntica Teologia da Libertação”. Quer dizer, uma carta que o Casaroli escreve, secretário de Estado, em nome do papa. E com isso encerrava a parte oficial deles. Terminou assim. Aí vem em 1992, quer dizer, cinco anos depois,

aquela conversa durante a Eco, quando eu disse: “Não aceito mais”. E aí me desliguei.

Ricardo Kotscho – Mudando de assunto, uma coisa que se conversa muito entre os católicos é a questão do celibato. Existe hoje um monte de gente insatisfeita dentro da Igreja por causa do celibato. E um monte de gente fora que poderia entrar e não entra por causa disso. Qual a importância do celibato pra quem está dentro da Igreja e pra quem está fora?

Leonardo Boff – O celibato, para esse tipo de Igreja que temos, é estrutural e necessário. Temos uma Igreja altamente concentrada em termos de poder, que está só na mão de uma mínima parte, que é o clero. E tem de gerenciar a primeira grande multinacional do Ocidente que é o cristianismo – desde o século 4 é uma multinacional, que envolve cerca de 1 bilhão de pessoas. Então, para a Igreja, o celibato é estratégico. Porque você tem uma mão-de-obra diretamente ligada a você e que não tem nenhum vínculo de família, de mulher, de filhos, de herança, e é o intelectual orgânico estrito da instituição. Ele encarna a instituição e, não sem razão, é tirado da família com a idade de 12, 13 anos, levado para o seminário e criado na sua mentalidade, na sua subjetividade, para servir a instituição. Ele é estruturado nessa perspectiva, que vai contra duas tendências básicas da modernidade, que são resgatar a liberdade e a subjetividade. Quer dizer, o ser humano se descobre como sujeito livre, que organiza sua privacidade, sua sexualidade, seu projeto pessoal. Se é casando, se é mantendo-se solteiro, se é sendo gay, não importa, você respeita as preferências do projeto que você tem. E a Igreja nega isso. Ela impõe que quem quer servi-la tem de ser celibatário. Então, frustra todo um caminho, que é um caminho também de realização humana, porque a sexualidade não é só uma questão de troca genital, é o diálogo com a dimensão da alma e do animus, como um integra a alteridade do outro, mulher ou homem respectivamente, como trabalho da dimensão da ternura, da fragilidade, do amor, que é uma exposição ao outro. O celibatário trabalha com grande dificuldade disso, porque ele, por força da educação e sua função, é autocentrado. E toda a dimensão do feminino, não só da mulher, mas do feminino no homem e na mulher, é encurtada. Então, esse é o primeiro problema. O segundo é o que tem a ver com o poder. E todo poder é autoritário, seja nazista/fascista, do Hitler ou Stálin, ele é altamente negador da ternura, da sexualidade, da intimidade. E na Igreja há isso, então é um poder altamente autoritário, no cânon que fala dos poderes do papa ele é absoluto, ilimitado, universal, sobre cada cristão, sobre toda a Igreja, e infalível. Se você risca papa e bota Deus, vale. Ele atribui a si características divinas. Então, é um poder que em teologia se chama totatus dictatus papa, expressão latina que se criou no século 14: é o dictatus papa, literalmente traduzido, “a ditadura do papa”. Então, é essa a perspectiva de um poder altamente centralizado, piramidal e totalitário, que engloba tudo, não convive com a fragilidade do amor, da sexualidade. A essa estrutura pertence o celibato e também o poder mais imediato: você não tem partilha, não tem herança, não tem de se preocupar com a educação dos filhos, onde a mulher vai ficar, nada. Você se torna um soldado totalmente disponível à instituição, que pode mandá-lo a Hong Kong, pólo norte ou Rio de Janeiro.

Leo Gilson Ribeiro – O que foi, um tratado?

Leonardo Boff – Foi uma praxe, inicialmente. No campo, o celibato nunca funcionou, porque o padre era simultaneamente camponês e tinha de arranjar

mão-de-obra, e não havia seminários onde se formassem padres. Ele gerava um filho, explicava como era a missa, os sacramentos e tinha o seu sucessor. No primeiro milênio, o celibato era reservado aos bispos, que tinham de ser monges celibatários. Com os padres era mais ou menos livre. O seminário só veio na polêmica com os protestantes no século 16, quando a Igreja cria a instituição de formação de seus quadros e aí impõe o celibato rigoroso. É assim até hoje. Agora, isso nunca foi algo que fosse entendido como do âmbito da tradição cristã, ou da revelação. É uma disciplina eclesial, portanto depende da vontade do príncipe.

Ricardo Kotscho – **Na sua vida pessoal, o que mudou? Era como se você estivesse a vida inteira dentro de uma prisão, dentro das regras da Igreja, e de repente você está livre disso, aí pode ter um monte de namoradas, casar, ter filhos, o que muda pra você isso?**

Leonardo Boff – Tive a audácia de casar com uma mulher que já tinha seis filhos. Me acompanhava nos trabalhos, é uma mulher extremamente empenhada na luta das favelas, direitos humanos, é de uma família burguesa que se converteu a essa causa da teologia, dos pobres. E vi que o casamento, que a vida a dois é casar com um projeto também, casar com o sonho de uma vida, que você mistura, que você une. E também assumi a família dela. Acho importante dizer isso, porque implica uma ruptura também com a ditadura da Igreja. Um padre, teólogo, casa com uma desquitada.

Ricardo Kotscho – **Aí também você fez *strike*, né? (risos)**

Leonardo Boff – Quando o amor humano ocorre, ele tem a sua santidade, tem a sua presença sacramental. Não me importo se ela é casada, não é casada, se é desquitada ou não, desde que esse fenômeno ocorra e a gente possa assumir.

Sérgio de Souza – **No começo, você falou de uma certa convivência com o Fernando Henrique Cardoso, no Cebrap.**

Leonardo Boff – Convivência, digamos, funcional.

Sérgio de Souza – **Você acha que ele mudou de lá pra cá?**

Leonardo Boff – Acho que a gente devia tirar dele o título de intelectual, porque é um falso intelectual. Ele é um político. O intelectual pensa a sociedade a partir de um horizonte de utopia, em que toma a liberdade de dizer o que pensa e como vê as relações de poder: isso faz o reino do intelectual, quer dizer, a partir do ideal ele julga a sociedade. E o Fernando Henrique julga a sociedade a partir de um jogo de interesses, do qual ele é parte importante, e ele assume o poder dentro de um projeto que acho profundamente perverso, porque não significa nenhuma ruptura da herança de exclusão que teve este país. Os sujeitos históricos, que sempre detiveram o poder de uma forma autoritária, excludente, exploradora, são aqueles que compõem a base do governo do qual ele é presidente. Então, ele não representa nenhuma ruptura, ele consagra, com ares de intelectual, que considero falso, uma nova forma de dominação da sociedade brasileira. Então, acho que a gente devia destituí-lo como intelectual, considerá-lo político, com todas as virtudes de um político, que é pensar sempre numa intenção, isto é, numa segunda intenção. E, por isso, cheio de malícia.

Ricardo Kotscho – **Quer dizer que você não se surpreendeu, porque muita gente fala que o Fernando Henrique mudou muito. Outros, que o conhecem**

bem, dizem que ele sempre foi assim, as pessoas é que tinham uma imagem errada dele.

Leonardo Boff – A construção teórica dele, que utilizamos na Teologia da Libertação e nos ajudou a ver o mecanismo do subdesenvolvimento, nos fazia entender que era possível uma ruptura. Quer dizer, um desenvolvimento auto-sustentado, que respondesse às demandas históricas daqui e que, por isso, implicava uma certa distância com os centros hegemônicos – isso estava dentro da construção teórica dele. E vejo que ele renunciou a essa convicção, ao nível da economia brasileira, e essa inserção do Brasil no mercado mundial ele discute sem receios de comprometer a soberania. Ele não tem preocupação de ter um projeto para esse povo. Projeto nacional, um país com uma situação geopolítica fantástica, uma biodiversidade fabulosa, experiência cultural singular, um país multiétnico, multicultural, quer dizer, isso vale no diálogo mundial e ele não sabe fazer, porque acho que não ama suficientemente este povo, ele ama o poder.

Sérgio Pinto – **É um projeto de poder, ponto.**

Leonardo Boff – É um projeto de poder em que ele se beneficia. Mas tem de qualificar esse poder, qual a natureza desse poder? É o velho poder oligárquico, excludente, da história brasileira, e ele não colaborou em nada para modificar isso. E aí penso que ele traiu a todos nós, porque depositamos na lucidez do intelectual, do sociólogo que conhece o mecanismo do poder, a esperança de que pudesse interferir e dar uma marca diferente. E ele não fez.

Sérgio de Souza – **O benefício que você disse que ele conseguiu é só na vaidade pessoal ou...**

Leonardo Boff – Eu pessoalmente acho o seguinte, talvez possa dizer entre caros amigos, não é? Acho que ele não acredita em absolutamente nada, nenhuma transcendência, é de um marxismo clássico, ateu e, para quem não tem uma transcendência da história – história é isso –, quem está no poder tem de se aproveitar do cavalo que passa encilhado, porque não tem mais nada além disso, nenhum projeto de longo alcance, em que haja a dimensão da renúncia, para construir uma base mais popular, mais ampla e dialética, acho que ele não tem isso.

Leo Gilson Ribeiro – **Será que ele não terá raciocinado da seguinte maneira: dentro da hegemonia que se estabeleceu na Terra atualmente, não há ponto de saída a não ser a de tornar o Brasil um capitalismo dependente, marca do capitalismo?**

Leonardo Boff – Isso é versão dele, que mostra a ausência da dimensão ética. Porque alguém pode chegar, dentro dessa realidade, dessa fatalidade, a ter como dimensão ética ainda a dimensão do protesto, de dizer: “Eu não aceito isso porque é iníquo, não quero ser um agente que consolida, que dá aval a isso”. Eu diria que o processo da mundialização é um processo que transcende o econômico, o político, é pra mim um processo civilizatório, uma nova etapa da Terra, da humanidade, e não há como não entrar nisso. Agora, podemos entrar de uma maneira mais soberana, mais dialogal, sentar junto aos poderosos do mundo e colocar muitos argumentos, o que ele não faz. É servil, fazendo o jogo do norte. Ele não faz o jogo do sul. É subalterno, é uma integração subalterna, que prolonga o que sempre houve. Pra nós, a mundialização começou no século 16. O projeto

de mundo do reino hispânico, Portugal e Espanha, não sofreu ruptura, tem continuidade até hoje.

Ricardo Kotscho – **O que você vê hoje no horizonte, como sonho coletivo, uma luta coletiva, uma coisa que mobilize, que unifique as pessoas? O que você vê ainda capaz de levar o povo para a rua?**

Leonardo Boff – Um tema que está mobilizando e possivelmente vai mobilizar mais, é o tema da terra, que é levado pelos sem-terra, mas por enquanto é levado mais para a terra de produção, terra do campo. No dia em que se unir campo e cidade, em que se discutir o tema da terra na cidade e o problema todo da favela, o direito à moradia e à terra no sentido mais contemporâneo, mais moderno, da terra como Gaia, não só terra de produção, mas terra como nosso próprio corpo, terra como prolongamento do planeta, vivo, supersistema altamente refinado e organizado...

Leo Gilson Ribeiro – **A nossa mãe-terra.**

Leonardo Boff – A nossa mãe-terra, grande pátria amada. Que é a visão dos povos originários, é a visão do camponês, a visão do nosso cotidiano, porque a visão científica é reducionista, vê a terra como composição desses cem elementos físicos/químicos da escala de Mendeleiev. A terra não é isso. A terra é paisagem, a terra fala, a terra é a mensagem que podemos escutar, e a terra também somos nós mesmos, os seres humanos. Então, se conseguirmos dramatizar que o valor supremo é preservar este planeta – e só temos este – porque ele está profundamente ameaçado e não tem uma arca de Noé que salve alguns dessa vez e deixe perder os outros, essa é a base para qualquer outro valor. E o segundo valor, o de preservar a família humana, a espécie humana junto às demais espécies, e garantir as condições para que ela subsista e continue a desabrochar, desenvolver-se. São os dois valores supremos de uma ética planetária, terrenal.

Sérgio de Souza – **Isso decerto pressupõe uma luta.**

Leonardo Boff – Penso que a gente devia consultar não quem está pensando essa questão, como nós que estamos aqui teoricamente falando sobre isso. Mas quem vive da terra, sente a terra e luta pela terra. Então, o que dá força e coesão aos sem-terra são os seus símbolos, os seus mártires, os pedaços de roupas que eles têm, os frutos que levam, a batata, a mandioca, o **animalzinho**... e que mostram como a vida é concreta e que está ligada à vida e à subsistência deles. E não só deles, de todo o mundo urbano. Quem produz o feijão e arroz que comemos?

Ricardo Kotscho – **Isso é que eu ia falar dos sem-terra. Apesar de muitos, são uma minoria. A maioria são os com-terra, os pequenos proprietários que produzem 70, 80 por cento do que comemos. Não seria o caso de ouvi-los também?**

Leonardo Boff – Lógico, ouvi-los e denunciar que não há uma política agrária no Brasil. Há uma política para a grande agroindústria, que é para a exportação, não para o mercado interno. Eu mesmo vi, estando anteontem com camponeses gaúchos desesperados, pessoas se suicidando, porque o preço da cebola, da batata, nunca houve tanta produção e é degradado o preço. Os meus parentes que cultivam lá em Concórdia, lá onde está a Sadia, em sessenta dias ganham 1.000 reais. Com uma superexploração, trabalhando quinze, dezesseis horas por dia. Se diz: “Todo mundo pode comer frango”. Mas é à custa de camponeses que estão

morrendo, não conseguem mais manter esse preço achatado. Não se escuta num diálogo o que significa isso, como a cidade vive do campo. Então, acho que uma dessas grandes causas – e é planetária – é essa. E a segunda é mais social. É a questão da cidadania. Porque se opõe à exclusão, que é um fenômeno novo. Antes, você tinha o marginalizado, o que estava à margem do sistema lutando para entrar e se desenvolver. Aquele que está fora hoje não se confronta com o sistema, se confronta com a morte. Porque pra ele não há projeto de saúde, nem de cesta básica, nem de casa, nem de escola, nada, ele está à margem. Qual a proposta para esses excluídos? É a cidadania como participação, uma sociedade em que todos possam caber. Neste país cabem 70, 80 milhões, os demais não cabem. São zeros econômicos, são excluídos, não entram na contabilidade. Para eles, o Estado não propõe nada. Então, aí entra o resgate da cidadania, não como valor meramente cívico, você ter direitos. Não, você tem direito de participar, você tem direito a um pedaço de terra, direito de comer, porque é filho dessa terra. E aí acho que a alternativa é criar economias paralelas, formas de produção alternativas, de melhoria do ingresso, que é o espírito cooperativo. Criar cooperativas o mais possível, como a gente está incentivando de novo a fazer. Pegar pneus e dos pneus fazer sandálias para vender, fazer artesanato, fazer **quentinhas**, mil formas como esses excluídos se organizam para poder garantir a subsistência. O espírito cooperativo seria uma alternativa fantástica para uma produção que não está no mercado, está à margem do mercado, e que satisfaz necessidades e atende necessidades, e criaria uma nova dinâmica social, romperíamos a ditadura do mercado, que se impõe a todo mundo, quem não está no mercado não existe, e apeado dele morre.

Roberto Freire – Estou sentindo que neste momento você está falando muito a respeito do que vejo como pensamento anarquista. Autogestão, por exemplo, é a coisa mais libertária que existe em matéria de produção.

Leonardo Boff – Cooperativas autogestionáveis, assim elas se definem, e há grupos pensando seriamente nisso.

Ricardo Kotscho – Já está acontecendo nos assentamentos.

Leonardo Boff – Exato. E resgatar a partir dessa categoria o que está sendo negado hoje – desenvolvimento, porque até hoje a Teologia da Libertação se fez contra a teoria do desenvolvimento, que vinha de cima para baixo, vinha do Estado. Agora tem de ser o desenvolvimento como categoria do sujeito coletivo do povo, das comunidades.

Marina Amaral – A doutrina cristã, como o senhor disse, é uma doutrina revolucionária. Não consigo entender como as pessoas que têm essa doutrina em mente vão para esses seminários, aceitam uma estrutura de Igreja que sabem que vai ser aquela. Queria entender por que essas pessoas procuram a Igreja e por que essa rebelião afinal é tão pequena perto de uma Igreja tão grande.

Leonardo Boff – Esse é um dos trabalhos pedagógicos mais sutis que a instituição faz sobre seus quadros. O padre, o seminarista é educado para ter um verdadeiro casamento com a instituição, aquilo que a pessoa dá em termos de libido, de amor à sua companheira, à sua mulher, ele é educado a dar à sua Igreja. Agora, há uma fase em que o padre desperta. Geralmente quando cai na vida real, como pároco, como agente de pastoral, aí ele se dá conta de que essa Igreja é uma

grande madrasta. Que usa a força dele, sua libido, sua inteligência em favor dos interesses institucionais dela e não das pessoas humanas. Que ela não se interessa muito pelos problemas do homem da rua, que tem problema com limitação de natalidade, com eventual aborto, com fracasso no matrimônio e a vontade de começar um outro. Ela não se interessa, ela é fria e sem piedade e aplica a doutrina. E aí o padre entra em crise, fica entre o pastor que sente o próximo e a subjetividade que foi criada nele de ser o representante da instituição, da doutrina, e entra num conflito e muitos sucumbem nesse conflito. Ou ele abre e entra num novo estado de consciência e é um pastor que viola as doutrinas, ou ele se enrijece, recalca aquele mundo e fica o homem da instituição, do poder, da palavra rígida e até se transfigura. Ou então a terceira alternativa: muitos abandonam. E vão atrás das causas profundas que podem ser, digamos, o encontro com uma mulher. Não é apenas o encontro com uma mulher, quer dizer, ao encontrar a mulher e descobrir o mundo da intimidade, da ternura, da compreensão, do companheirismo, da vida como todos os mortais vivem, que é carregada de valores, e que isso foi tolhido a ele, diz: “Puxa, mas Deus não pode ser inimigo disso, Deus tem de ser pensado como um prolongamento disso ao infinito e não como corte disso”. E muitos então saem. Profundamente frustrados com a instituição. Então, a educação é levada nesse sentido, por força do celibato você não pode ter o intercuro sexual. Então, a mulher se torna a tentação próxima. E você é educado a não olhar nos olhos da mulher, porque ela é tentadora, de nunca conversar com ela sozinho, sempre acompanhado de outros.

Leo Gilson Ribeiro – **Mas os muçulmanos do Taliban também dizem isso.**

Leonardo Boff – Porque é uma sociedade patriarcal e machista. Então, eu queria dizer o seguinte: que as mulheres tiveram uma grande função civilizatória junto aos padres. Que aqueles que se deixaram introduzir nesse diálogo, nesse encontro, se humanizaram, ficaram mais sensíveis, mais misericordiosos, mais compreensivos com o povo. Até podem viver o celibato, integrando essa dimensão, mas a ruptura foi a mulher que provocou neles, os ajudou a fazer a passagem, coisa que o seminário e nenhuma teoria teológica fazem.

Marina Amaral – **E por que as freiras aceitam essa dominação? Freira não pode ser da hierarquia, freira não reza missa.**

Leonardo Boff – Aí é todo um processo que a ideologia mostra. Quer dizer, você apresenta uma totalidade ideológica fechada, cheia de valores, inculca e cria uma subjetividade adequada a isso. O cristianismo poderia ser uma escola de humanidade, de generosidade, de compaixão. Se transformou num reduto de machismo, de rigidez, de ideologia compacta. Isso tem de ser denunciado, não tem nada a ver com a tradição que vem de Jesus. É uma tradição libertária, não diz “eu sou tradição”, diz “eu sou a verdade, eu sou luz”. E aqui o que vemos é a tradição, o império da reprodução do mesmo. Há uma geração de padres que fez mudanças fundamentais, passaram para o lado do povo, do feminino, sofreram muito, tiveram de reinterpretar o celibato e se reintegrar na dimensão mais feminina da vida e ganharam muita estatura. Desgraçadamente, a Igreja escolhe para substituir no episcopado só aqueles que vêm do estrito celibato. Um dos itens novos que introduziram do padre candidato a bispo é se nunca criticou o papa, se nunca criticou o celibato. Se alguma vez fez crítica ao celibato, não é nomeado bispo. O que revela a fraqueza da instituição. Ela não é mais vulnerável ao diálogo, ao crescimento, ela tem de usar a força simbólica para se impor.

Sérgio de Souza – **E quem mais denuncia isso, além dos teólogos da Igreja?**

Leonardo Boff – Na Igreja há um discurso absolutamente farisaico. Você conversa com um bispo, se ele está entre caros amigos, diz tudo o que estou dizendo. Cai na rua, “não posso dizer porque vou ser demitido, vai ter briga com o Vaticano, a CNBB cai em cima de mim, não posso falar”. E muitos teólogos que pensam assim têm de dar aulas segundo os ditames, senão são depostos pela cátedra, “perco minha paróquia, caio no mundo, e tenho de buscar outro caminho”. Então, a Igreja, a instituição, essa instância central de governo, obriga as pessoas a ser falsas por elas mesmas, hipócritas.

Chico Vasconcellos – **Como se constitui o poder na Igreja?**

Leonardo Boff – Primeiro, o Vaticano, com os seus mistérios, os encarregados da educação, dos bispos, das religiosas, dos padres, da doutrina, que são verdadeiros ministérios. O papa em si com seus ministérios, um governo centralizado onde tem informação do mundo inteiro, informação hoje já informatizada.

Chico Vasconcellos – **Quantos homens fazem parte desses ministérios?**

Leonardo Boff – Uma vez perguntaram a João XXIII quantos trabalhavam no Vaticano, ele disse: “Metade...”. Acho que são 11.000 funcionários.

Chico Vasconcellos – **Esse colégio de cardeais que dominam, quantos são?**

Leonardo Boff – Cardeais são uns 150, mais ou menos, no mundo. O Vaticano deve ter uns trinta.

Ricardo Kotscho – **O papa não é uma rainha da Inglaterra?**

Leonardo Boff – Não, ele escolhe. A força dele é poder escolher os seus assessores diretos, que é o chamado Corpo do Papa, pessoas que pensam e agem como ele. A quem ele delega todo poder.

Frei Betto – **O projeto estratégico é dele?**

Leonardo Boff – O projeto estratégico é dele. Por outro lado, há uma grande resistência da máquina, de quem está por baixo. Por exemplo, temos três, quatro cardeais da Cúria Romana que fazem o nosso jogo, que nos defendem, empurram nossos textos em cima dos cardeais, mandam briefings, a luta ideológica é bárbara lá dentro.

Chico Vasconcellos – **Desses cento e tantos cardeais, quantos são do Primeiro Mundo e quantos são do Terceiro?**

Leonardo Boff – Hoje, 52 por cento dos católicos vivem no Terceiro Mundo. Para mostrar uma certa contradição entre o poder da base e o poder da representação, isso significa, primeiro, que o cristianismo hoje é uma religião do Terceiro Mundo, que teve origem no Primeiro Mundo. Isso é importante constatar. Segundo, que esse poder real, que é numérico, que garante o futuro institucional da Igreja, não é adequadamente representado no aparelho central do Vaticano. Acho que um terço dos cardeais é de italianos, mais de cinquenta cardeais italianos, o que é uma inflação fantástica em termos de poder. E acho que dois terços são do Primeiro Mundo. Isto é, Europa, Estados Unidos, porque aí joga muito uma questão numérico-econômica, quer dizer, poder real da Igreja. Uma diocese como Nova York, como Chicago, que são extremamente ricas, ou

como o Rio de Janeiro, ganha cardeal por quê? Porque articula interesses da Igreja, que tem reprodução na economia, nos investimentos, essa coisa toda, e que são reforço na aliança que o Vaticano faz com os poderes desse mundo, porque é um poder que busca aliança com outros poderes. É um poder espiritual, mas é um poder que sempre tem algo a dizer na política, nos negócios também.

Leo Gilson Ribeiro – **Existe alguma tendência dissimulada de um certo racismo na Igreja, com uma predominância do hemisfério norte branco?**

Leonardo Boff – Eu não diria racismo, diria uma discriminação cultural. Eles consideram a grande cultura da Europa, que é a cultura que nasceu cristã. Agora, eles têm um senso de equidade no sentido de universalidade. Isso o Vaticano herdou da tradição romana. Então, eles têm dois corpos grandes, o corpo doutrinário, que representa o corpo jurídico dos imperadores, que é a Congregação da Doutrina e da Fé, que zela pela unidade dos símbolos e da doutrina; e o segundo corpo, que é a fábrica de fazer bispos, a Congregação dos Bispos. Isto é, quem você vai eleger no mundo que esteja afinado com o governo central e ao mesmo tempo enraizado na sua cultura. Então, a importância do dom Lucas Neves é que ele foi cardeal da fábrica de bispos.

Leo Gilson Ribeiro – **Uma linha de montagem...**

Leonardo Boff – Linha de montagem. Então, essas duas instituições são fundamentais para o Vaticano. Por outra parte, é um corpo contraditório, porque ele, na força de atender várias culturas, na África, nos Estados Unidos, aqui, na Europa, Leste etc., não pode ter um discurso muito uniforme, porque se torna incompreensível. Por isso, o Vaticano produz um discurso profundamente ambíguo, um discurso de grande multinacional, que representa muitos interesses e para preservar o papa como príncipe da unidade, de fé, de política, de liturgia...

Leo Gilson Ribeiro – **É o unipartidarismo?**

Leonardo Boff – É o partido do papa, quem se opõe a ele é logo perseguido.

Ricardo Kotscho – **Existe uma possibilidade, mesmo remota, de que alguém como o dom Paulo Evaristo possa ser eleito papa?**

Leonardo Boff – Possibilidade existe, quer dizer, é o imponderável. Olha, neste momento os cardeais estão viajando muito, porque eles se dão conta de que o pontificado do papa já se encerrou em termos de estratégia, de tudo... ele já fez o que tinha de fazer, e eles governam a Igreja sem Wojtyla, supõem Wojtyla já morto em termos estratégicos. Então, a luta agora é entre duas grandes tendências. Uma é a tendência wojtyliana, porque mais da metade dos cardeais eleitores foi feita por ele e existe uma espécie de pacto entre os cardeais, que é o de você sempre respeitar a memória daquele papa que o fez cardeal – é a que eles chamam de “tendência-testemunho”, que parte do seguinte: a Igreja é a única portadora da revelação da verdade, não tem de dialogar com as outras igrejas ou religiões. A segunda, que é de Paulo VI e João XXIII, hoje representada pelo cardeal Martini, de Milão, é chamada de “tendência do diálogo e da mediação”. Que quer dizer dialogar com todas as culturas, religiões, caminhos espirituais, porque todas têm Deus por trás e você tem algo a aprender. E propiciar esse diálogo para criar ambiente de paz religiosa, paz política, valorização da dimensão espiritual nos humanos, sejam muçulmanos, budistas ou cristãos, e o papa como interlocutor grandioso de uma cultura ocidental. E o cardeal Martini é um jesuíta altamente

inteligente, viveu no Oriente Médio, entre os muçulmanos, domina o judaísmo, foi professor de judaísmo a vida inteira, tem um diálogo fantástico com as religiões do Oriente, que conhece profundamente. Então, é um dos grandes cardeais. Ou o cardeal Sing, de Hong Kong, educado em Roma. Mas que tem toda a tradição chinesa. É um dos fortes candidatos. Então, tem o cardeal Ruini – que é o mais fiel seguidor do Wojtyła, que faz a política com os grandes, mesmo que seja a máfia, contanto que reforce a instituição – como um dos grandes candidatos daquela ala. Da outra ala tem o Martini e o cardeal Sing. Então, hoje se dá essa polêmica. E os cardeais já estão viajando, trocando informações, com um deles até já conversei. Estão fazendo consultas, porque se dão conta de que, num processo de mundialização, ou a Igreja capta esse movimento ou ela se isola no Ocidente. Eles estão numa grande encruzilhada. E se dão conta de que todo o fluxo da história está passando pelo Sudeste asiático. Lá está o novo centro econômico mundial...

Ricardo Kotscho – Há possibilidade de termos um papa chinês, é isso?

Leonardo Boff – Possivelmente, oriental.

Ricardo Kotscho – Então fale um pouco mais dele, nunca ouvi falar.

Leonardo Boff – Uma vez participei de um encontro que houve em Hong Kong, um grupo de teólogos aqui, você estava, não é, Betto?

Frei Betto – Estava, foi quando a gente voltou da China, ele perguntou sobre as CEBs.

Leonardo Boff – É um homem muito aberto, fez teologia em Roma, conhece Roma, mas profundamente chinês, querendo abrir para a China, querendo que a Igreja que está lá se enraíze dentro da China, que não fique apenas um pedaço do Ocidente lá dentro. Quer dizer, um homem do nosso lado. Ele encarna o cristianismo. Os cardeais, quando vão eleger o papa, fazem uma análise de conjuntura muito grande. Primeiro, captar o sentido de “para onde vai o cristianismo, quais são os seus desafios, que chances ele tem de crescer ou de diminuir na concorrência com os muçulmanos que temos de fazer, porque em 2010 eles serão mais que nós”, porque há uma conversão em massa da África para os muçulmanos. E ainda que a Igreja tenha de fazer alianças para manter os seus valores ocidentais – família indissolúvel, não aceitação do aborto, da contracepção... aquela coisa toda. Quer dizer, “que alianças políticas temos de fazer para nos mover, manter e criar civilizações” – medem cada país. Estados Unidos, América Latina etc. Quando acabam de fazer essa análise – “Qual de nós aqui é o mais adequado a essa conjuntura?” –, então pintam o cenário e, para esse cenário, há um papa que seja razoável. Aí entram a idade, a cultura dele, a capacidade de diálogo, as alianças que ele tem na base para poder ter um governo que o sustente, porque a Cúria pode boicotar, e ela é terrível nisso. E é aí que eles elegem. E há o imponderável, sabe? Conversei com um grande vaticanólogo, o Zizola, que entende disso, e ele me disse: “Esse papa humilhou tanto os cardeais, as conferências nacionais, que ninguém mais quer saber dele. Querem derrubar o wojtylianismo. Vai ser uma desgraça, foi um retrocesso enorme. A Igreja se enrijeceu, voltada para dentro, criou conflitos em todas as conferências, teólogos punidos, bispos castigados, conferências rebeladas porque foram muito humilhadas, submetidas por Roma”. Então, ninguém quer saber dele e esses cardeais que foram feitos por ele também sabem, pensam maior.

Ricardo Kotscho – **Qual é o significado de o papa vir ao Brasil pela terceira vez?**

Leonardo Boff – Isso é da política latino-americana, reforçar o lado mais conservador, ligado à família tradicional. Qual é a família que eles defendem? A do pequeno-burguês, estabelecida, fiel etc., que não é a família real da sociedade contemporânea.

Sérgio Pinto – **E o governo brasileiro, durante o seu embate com o Vaticano, como se portou?**

Leonardo Boff – Aqui, não sei. Sei que o caso da Teologia da Libertação movimentou estratos importantes da burguesia européia e católica. O cardeal Ratzinger, de vez em quando, se encontra com grandes industriais alemães, passam o dia juntos, eles têm subsidiado enormemente as causas da Igreja contra a Teologia da Libertação, que vêm aliada ao marxismo, processo de instabilidade social, e os governos entraram, os próprios Estados Unidos, com aquele famoso texto da Carta de Santa Fé, que dizia que a Teologia da Libertação é um risco para a segurança dos Estados Unidos, por ser um fator de desestabilização na América Latina. E a partir daí foi colocado um posto de vigilância muito maior sobre os bispos, comunidades de base, houve prisão, tortura, ao largo do continente todo há uma infinidade de mortos e vítimas desse processo. Uma vez consultei o ministro das Relações Exteriores, o Silveira, que foi de dois governos, e ele me disse: “Fomos instruídos para repassar ao Vaticano a atividade ideológica e política que a fé vinha recebendo no Brasil mediante padres de formação marxista e que a Igreja, não tanto o governo” – porque sabiam que era complicado prender padres –, “devia fazer a vigilância sobre os seminários e esses quadros”.

Roberto Freire – **“Comunismo” é ainda usado como argumento?**

Leonardo Boff – Um dos argumentos que o Ratzinger usou num encontro de teólogos alemães, e que deve ser tomado em consideração, foi: “O marxismo morreu como ideologia, morreu como força política organizadora dos Estados, mas ele sobrevive na Teologia da Libertação, que funciona como cavalo de Tróia para penetrar no meio dos pobres. Devemos redobrar a vigilância sobre essa teologia”.

Ricardo Kotscho – **Houve algum momento em que você quase desanimou, perdeu a fé, que você tenha pensado “Deus não existe, não é possível”, houve esse momento?**

Leonardo Boff – Houve um momento e eu até disse isso, porque tinha perdido a esperança. Que é pior do que perder a fé. Quando o Vaticano interveio na Vozes em 1992, depuseram toda a direção, nomearam um alemão como interventor, que a primeira coisa que fez foi pegar os nossos livros e mandar picotar e queimar. Pegou o arquivo todo da Teologia da Libertação, aquela coleção de cinquenta tomos, trabalho fantástico de bispos, de teólogos de toda a América Latina, pegou aquilo e jogou no lixo, para ser levado pelos caminhões: ainda consegui correr atrás e salvar. E disse que a Vozes, eu e a Teologia da Libertação fizemos uma chaga muito grande na Igreja e que essa chaga devia ser sanada. E deu uma guinada fantástica na Vozes, que passou a ser uma editora de direita, fechada, contra a Teologia da Libertação. E virou censor pessoal meu. Cada **artiguinho** que eu fazia ele corrigia tanto, que não dava nem pra publicar. Senti uma profunda

humilhação da inteligência: uma editora que ajudou a pensar o Brasil mais à esquerda, o cristianismo mais de libertação, sofrer esse tipo de intervenção. Aí eu digo: “Não, isso é injusto. Um editor que manda queimar livros, como pode ser um editor?”

Chico Vasconcellos – A minha última pergunta seria a que sua mãe lhe fez: como é que um padre não vê Deus? Como é, você já viu Deus, como é Deus?

Leonardo Boff – Acho que a gente vê com os olhos interiores. Talvez a gente não veja, mas sinta Deus. Acho que toda vez que a gente sente entusiasmo, de levantar de manhã e ter de começar o dia, ter capacidade de estender a mão ao outro... Deus não é um objeto, não é uma entidade, é uma suprema paixão, suprema energia, o que os gregos de uma maneira genial disseram e eu gostaria de dizer, porque ela está presente em nossa língua, que é a palavra “entusiasmo”. Em grego, entusiasmo significa ente os mos “ter um Deus dentro”. Então, todo o entusiasmo é a essência da vida, é a energia que faz a vida viver. Creio que é essa realidade que penetra em tudo e não se deixa captar, e sem a qual não entendemos nosso vigor, nossa esperança, nosso sonho, nosso entusiasmo, que escapa continuamente e, ao mesmo tempo, nos desafia pra frente e pra cima. Penso que isso é Deus. E cultivar esse espaço, manter a devoção, manter o encantamento e deixar que isso se irradie é obra de alguém que é inteiro. Porque, como disse Santa Teresa, quando se trata de comer galinhas, então comer galinhas, quando se trata de jejuar, então jejuar, quando se trata de lutar ao lado dos sem-terra, lutar com os sem-terra, quando se trata de escrever um artigo, ser inteiro na escritura do artigo. Acho que essa capacidade é aquilo que é a ressonância, que é o resultado da presença secreta, sutil, dessa paixão, desse fogo interior, que nós chamamos Deus.